



PUC
RIO

MARIA THERESA TOLEDO

**A DIFERENÇA SEXUAL NA PSICANÁLISE: ENTRE O DESTINO E
A CONSTRUÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Agosto de 1997

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 T649d TESE UC
Título A diferença sexual na psicanálise



Ex.1 PUCB

0135107

MARIA THEREZA TOLEDO

**A DIFERENÇA SEXUAL NA PSICANÁLISE:
ENTRE O DESTINO E A CONSTRUÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Agosto de 1997

MARIA THEREZA TOLEDO

**A DIFERENÇA SEXUAL NA PSICANÁLISE:
ENTRE O DESTINO E A CONSTRUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC-RJ como parte dos requisitos para
obtenção do Título de Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: **Claudia Amorim Garcia**

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Agosto de 1997

UC-00071939-7



135/07

150
T 649 d
TESE Ue

Para Raquel e Letícia

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO pela oportunidade de realizar esse estudo, e à CAPES pelo auxílio financeiro.

A Claudia Garcia, com quem muito tenho aprendido ao longo de minha formação teórica, agradeço a orientação dedicada e carinhosa.

A Ana Beatriz Freire pela amizade e o incentivo, e pela colaboração preciosa em meus estudos do texto lacaniano.

A Octavio Souza pelas valiosas indicações teóricas, e pelas aulas extremamente ricas, que me trouxeram novos caminhos para pensar a teoria e a prática psicanalítica.

A José Otávio Naves por ter despertado em mim, com sua poesia, a paixão pela psicanálise.

A todos os funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-RIO, da graduação e da pós-graduação, que participaram de meu percurso acadêmico. Agradeço particularmente a Marise e Verinha, pela colaboração nesses últimos anos.

A toda a minha família, àqueles com quem sempre posso contar, em especial aos tios Victor e Yvone, pelo apoio constante. Agradeço também, separadamente, a meu tio Alexandre, por sua presença, sempre motivo de alegria.

Aos amigos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a iniciar esse trabalho: Suzana Bumachar, Luciana Bacellar, e em particular a Andréia Reis. Também a Sandra Niskier, que teve uma importante participação nesse processo.

A toda a turma de mestrado de 1995, com quem pude partilhar conhecimentos, alegrias e incertezas. Agradeço de modo especial aos amigos Carlos Eduardo Veiga, David Tucci, Eduardo Menescal e Cristiana Carneiro. A Luciana Coutinho agradeço, além da amizade, a interlocução permanente, que foi de extrema importância para o andamento de minha pesquisa teórica.

A Claudio Huguet pela ajuda preciosa na tradução do resumo.

A Theresa Cristina pelo conforto inestimável de sua amizade, e por sua colaboração imprescindível na fase final desse trabalho. Também a seus pais, Iracema e Antônio, agradeço a acolhida sempre carinhosa.

Aos amigos Claudia Tavares e Marcio Guilherme, cuja presença tem sido muito importante nos últimos anos.

A Celyne Alvim, funcionária da SBP-RJ, pela boa vontade com que me auxiliou em minha pesquisa bibliográfica na obra de Stoller.

A Bernardo Jablonski agradeço em especial, pela importância de seu apoio em minha vida profissional.

A Romildo do Rego Barros pela escuta sensível e propiciadora.

SUMÁRIO

Introdução	1
------------------	---

Parte I: O Paradoxo Freudiano

Capítulo 1: A Sexualidade a Partir da Psicanálise.....	7
1.1) O Sexual: da Sedução à Fantasia.....	8
1.2) O Caráter Pulsional da Sexualidade	17
Capítulo 2: A Diferença Sexual Segundo Freud.....	30
2.1) Masculino e Feminino: de 1905 a 1914.....	32
2.2) Masculino e Feminino: de 1923 a 1933.....	43

Parte II: Desdobramentos do Texto Freudiano

Capítulo 3: A Contribuição de Jacques Lacan à Diferença Sexual.....	63
3.1) O Falo como Significante.....	68
3.2) As Posições do Sujeito com Relação ao Gozo Fálico: Possibilidades de Sexuação.....	73
3.3) O <i>Todo</i> e o <i>Não-Todo</i> : Possibilidades de Inserção na Ordem Fálica	80
Capítulo 4: A Contribuição de Robert Stoller à Diferença Sexual.....	96
4.1) Gênero x Sexualidade	99
4.2) Do Transexualismo à Feminilidade Primária	106
Considerações Finais	117
Referências Bibliográficas	128

RESUMO

O texto freudiano está baseado, ao mesmo tempo, em pressupostos naturalistas e construtivistas, presentes em sua teoria da sexualidade, especialmente no que concerne à diferença sexual. Essa característica gera dificuldades para a compreensão do tema, tornando imprecisos os conceitos de masculino e feminino. Assim, a presente dissertação tem a intenção de discutir esse paradoxo conceitual na sua origem, em Freud, e em seus desdobramentos no texto de dois autores pós-freudianos.

Para alcançar nosso objetivo, dividimos esse trabalho em duas partes, tendo a questão da diferença sexual como foco de interesse e a oscilação naturalismo – construtivismo como pano de fundo. Na primeira parte apresentamos as formulações de Freud acerca da diferença sexual, ressaltando seu caráter inconclusivo. Em seguida focalizamos as teorias de Stoller e Lacan, autores que se dedicaram a discutir esse tema. Stoller privilegia as primeiras identificações como responsáveis pela constituição da masculinidade ou da feminilidade, criando a noção de identidade de gênero, original dentro da psicanálise. Lacan aborda o tema da diferença sexual especialmente através da satisfação pulsional e do posicionamento na fantasia amorosa. Trata-se de duas propostas teóricas que, seguindo caminhos diferentes, questionam a vertente naturalista de Freud, e abordam a diferença sexual principalmente pelo viés da construção.

ABSTRACT

The freudian text is based on naturalistic and constructivist propositions, found in his theory of sexuality, particularly in relation to sexual difference, which creates difficulties to the understanding of the topic and makes the concepts of masculine and feminine rather inaccurate. Thus, this dissertation intends to discuss this conceptual paradox in its origin, in Freud, and in two other post freudian authors.

To reach our aim, we divided the work in two parts maintaining as the main focus the problem of sexual difference, and taking the polarity naturalism – constructivism as the background. In the first part we present Freud's formulations about sexual difference, emphasizing their non conclusive character. Secondly we discuss Stoller's and Lacan's, theories, who dedicated themselves to the discussion of this topic. Stoller considers the first identifications as responsible for the constitution of masculinity and femininity, creating the notion of gender identity, an original contribution to psychoanalysis. Lacan approaches the subject of sexual difference by means of instinct satisfaction, and the position one occupies in sexual fantasy. Both authors, from different points of view, question the naturalistic approach in Freud's formulations, and discuss sexual difference mainly in the constructivist way.

INTRODUÇÃO

A teoria freudiana sobre a sexualidade, que começou a ser elaborada no fim do século passado, trouxe importantes mudanças em relação às concepções então vigentes, advindas da medicina e do senso comum. Freud fez suas primeiras formulações nesse campo a partir das histórias que lhe eram contadas pelas histéricas daquela época, mulheres que ensinaram ao jovem médico o caminho da “cura pela palavra”¹. De fato, a psicanálise pôde surgir como saber quando Freud passou a valorizar não mais o sintoma propriamente, mas o que as pacientes tinham a falar sobre ele, ou seja, sobre si mesmas. A partir, portanto, da escuta analítica, uma nova concepção de sexualidade se impôs à teorização freudiana, que deslocou o sexual do domínio da biologia para o domínio das representações psíquicas.

O conceito de pulsão introduzido em 1905, nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, formalizou uma outra dimensão, diferente do instinto, para a abordagem da sexualidade humana, na

¹ Expressão utilizada por Anna O., por ocasião de seu tratamento com Breuer.

qual a questão do prazer é trazida para o centro da discussão. Revelando-se múltipla e caprichosa, a sexualidade observada por Freud se afasta do ritmo invariável que caracteriza o cio animal. A pulsão é uma produção teórica que serve para indicar que o sexual, no humano, não está voltado para a reprodução, e sim para o prazer, e que esse prazer pode ser alcançado das mais variadas formas.

A partir desse panorama traçado em torno do sexual, Freud parece excluir desse terreno qualquer tipo de predeterminação. Ao nos aprofundarmos no estudo de sua teoria, entretanto, percebemos que essa visão revolucionária não se sustenta o tempo todo. Antes de criar a psicanálise, Freud trilhou um percurso como médico e pesquisador no campo da neurologia, o que constitui a base de sua formação profissional. Em decorrência disso, ele nunca abandonou a preocupação com os fundamentos biológicos do agir humano, tentando, por vezes, encontrar uma correspondência entre a construção do psiquismo e os determinismos da biologia. Dessa forma, a maturação biológica necessária à reprodução encontra lugar numa determinada vertente do pensamento de Freud, como aquilo que funda o humano numa ordem onde o prazer parece não mais se apresentar como o objetivo principal.

O caráter paradoxal que se depreende do conjunto de indicações freudianas acerca da sexualidade, torna-se especialmente presente quando nos voltamos à questão da diferença sexual. Muitas vezes Freud descreve o processo de sexuação como previamente determinado, marcando um destino diferenciado para homens e mulheres. A anatomia aparece aqui figurando esse destino

naturalmente traçado; essa foi, inclusive, uma afirmativa de Freud, de 1924: “A anatomia é o destino” (Freud, 1989 [1924]:222). Em contraponto a essa perspectiva naturalista, a teoria freudiana construiu instrumentais teóricos que nos permitem abordar a sexualidade fundamentalmente no registro da construção, onde a identificação, como operação psíquica, se incumbiria de consolidar a masculinidade ou a feminilidade num sujeito. Nessa vertente, a única certeza que se afirma é a bissexualidade constitucional de todos os seres humanos. O processo de sexuação se daria a partir do romance edípico. Nesse viés, a diferença anatômica, embora participe desse processo, não é tratada como um destino.

A nosso ver, o fato de o texto freudiano comportar pressupostos naturalistas e construtivistas produz uma dificuldade de compreensão em torno do tema da diferença sexual. Algumas vezes os conceitos de masculino e feminino designam formas de manifestação da sexualidade que nada têm a ver, necessariamente, com o homem e a mulher. Em outros momentos esses mesmos termos indicam uma distinção entre o homem e a mulher. Essa imprecisão conceitual levou-nos ao interesse de pesquisar a diferença sexual na psicanálise, o que fizemos nessa dissertação em duas etapas.

A primeira parte do nosso trabalho, que compreende os dois primeiros capítulos, é dedicada ao texto freudiano, pretendendo assinalar o caráter paradoxal que marca a teoria da sexualidade e da diferença sexual. No primeiro capítulo, tentamos apresentar, em linhas gerais, a especificidade da idéia de sexualidade para a

psicanálise. Acreditamos ser esse um passo necessário, para que possamos localizar o solo teórico a partir do qual trabalhamos. No segundo capítulo, que discorre sobre a diferença sexual especificamente, são trazidas as formulações freudianas sobre o assunto, tendo como pano de fundo a oscilação entre pressupostos naturalistas e construtivistas, presente, em especial, no pensamento de Freud sobre a diferença dos sexos.

Em seguida, passamos à segunda etapa de nossa pesquisa, que se dedica a resgatar duas outras contribuições para o estudo da diferença sexual, ambas desdobramentos do texto freudiano. Escolhemos dois autores que trazem, como preocupação teórica, questões concernentes à nossa, nessa dissertação. Assim, o terceiro capítulo é sobre a teoria lacaniana, um dos maiores movimentos da história da psicanálise, e tenta explorar as criações de Lacan a respeito do tema. Lacan focalizou seu interesse em conceber o humano como uma ordem à parte da natureza, enfatizando a ausência de inscrições psíquicas predeterminadas para a conduta do sujeito. Suas considerações acerca da diferença sexual, dessa forma, têm como questão, entre outras, a anatomia como destino.

Nosso quarto capítulo traz Robert Stoller como autor privilegiado. Stoller teve praticamente toda a sua produção teórica, dentro da psicanálise, destinada a discorrer sobre os processos de sexuação de homens e mulheres. Entretanto, o interesse em resgatar suas contribuições se deve, especialmente, ao fato de este autor ter apresentado como principal indagação teórica a importância da anatomia e da determinação natural na construção sexual e subjetiva.

Como poderemos verificar, Stoller e Lacan oferecem respostas ao paradoxo freudiano, cada um privilegiando aspectos diferenciados da ampla criação de Freud. Apresentamos as propostas desses dois autores, e tentamos, em nossas considerações finais, promover uma articulação entre cada uma delas e a teoria freudiana, assinalando a relevância de tais desdobramentos.

Assim, essa dissertação visa pesquisar os determinantes da diferença sexual, partindo do texto freudiano, de onde surgiu nossa motivação. Marcamos que a descoberta de Freud traz fundamentalmente concepções revolucionárias acerca da sexualidade, e que a diferença sexual deve ser pensada, nesse contexto, especialmente pelo viés da construção. Nossa intenção de privilegiar a ausência de predeterminação nesse campo, não desconsidera a existência de pressupostos naturalistas nas teorizações freudianas. Ao contrário, pensamos que o tom muitas vezes inconclusivo das propostas de Freud remete-nos à riqueza de seu texto, que permitiu significativas reinvenções teóricas, garantindo a continuidade da psicanálise como prática e saber.

PARTE I

O PARADOXO FREUDIANO

CAPÍTULO 1

A SEXUALIDADE A PARTIR DA PSICANÁLISE

Se acompanharmos os passos da investigação freudiana, qualquer que seja o recorte escolhido para tanto, vamos nos deparar com a idéia incontestável de que a psicanálise organiza-se como saber em torno da questão da sexualidade. Voltando sua escuta para o sofrimento das histéricas do final do século passado, Freud desde muito cedo articula a sintomatologia presente naqueles casos a questões de ordem sexual. Entendemos que o estudo da noção de sexualidade inaugurada por Freud faz-se imprescindível para um entendimento mais aprofundado acerca da especificidade da psicanálise como saber. Além disso, o assunto se afirma como ponto de apoio para os interesses dessa dissertação, motivo pelo qual, decidimos iniciá-la com essa abordagem. O sexual, que se impõe à elaboração freudiana através da clínica, recebe conotação e tratamento diferentes de acordo com o momento de desenvolvimento da teoria e da técnica. Seguiremos esse percurso, a partir de agora,

tentando ressaltar os aspectos cruciais que conferem à invenção freudiana caráter revolucionário.

1.1) O Sexual: da Sedução à Fantasia

Para iniciarmos a abordagem do tema, escolhemos seguir uma indicação do próprio Freud. Em 1906, logo após a primeira publicação dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud escreve *Minhas Teses Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses*. Nesse texto, onde encontramos um resumo sobre a teoria da sexualidade construída até aquela data, Freud escreve o seguinte:

“Sou de opinião que a melhor maneira de apreciar minha teoria sobre a importância etiológica do fator sexual para as neuroses é acompanhar seu desenvolvimento.”(Freud, 1989 [1906]:255)

De fato, um breve retorno aos primórdios da pesquisa psicanalítica nos ajuda a compreender a importância do fator sexualidade como constituinte da própria teoria psicanalítica. Freud inicia seu próprio percurso clínico, no cuidado com as histéricas, influenciado pelas descobertas de J. Breuer, e trabalhando conjuntamente com ele. Em 1893, escrevem juntos, Breuer e Freud, a *Comunicação Preliminar*, onde expõem o funcionamento do método catártico, elaborado por Breuer e utilizado por Freud em

período inicial de sua trajetória. O método catártico foi inventado por Breuer por ocasião do tratamento de uma das mais famosas histéricas do fim do século passado, conhecida pelo nome de Anna O. Fazia parte deste método de tratamento levar a paciente, por intermédio de hipnose, ao momento traumático, que desencadeou o surgimento do sintoma colocado em questão. Essa espécie de indução era exercida focalizando, um a um, cada sintoma apresentado pela histérica. Anna O., que segundo a descrição de Breuer exibia elevados dotes intelectuais, nomeou o tratamento de “cura pela palavra”, ou “limpeza de chaminé”(Breuer,1989 [1893]). Não haveria metáfora mais apropriada ao que vinha essa moça vivenciando em seus encontros com Breuer. Vejamos o relato de Etienne Trillat:

“A propósito de cada sintoma, ao retomar a cadeia de associações, Anna O. terminava por encontrar as circunstâncias da primeira aparição do sintoma, e Breuer, para seu grande espanto, constatava que, tendo chegado assim ao ponto de partida, o sintoma desaparecia. Estava inventado o método catártico.”(Trillat, 1994:230)

Vale a pena ressaltar a participação especial de Anna O. na criação da psicanálise, pois ao relatar os devaneios de seu “teatro privado”(Breuer, 1989[1882]), conduzia Breuer na elaboração de suas teorias sobre o psíquico. Isso, aliás, deve ser estendido a todas as primeiras paciente de Freud. Como assinala Laplanche,

“Podemos atribuir a Anna O., como a todas as enfermas dos Estudos, uma parte do descobrimento da psicanálise,

com o mesmo direito que assiste a Breuer e ao próprio Freud.” (Laplanche, 1984:42. Tradução nossa)²

Anna O., entretanto, merece destaque especial na descoberta psicanalítica, pois não foi Breuer quem a hipnotizou para buscar, através disso, as causas escondidas de seus sintomas. Ela naturalmente entrava nesse “estado segundo”, onde podia contar a Breuer sobre suas experiências traumáticas. Anna O., mais do que nomear o tratamento, apontou a Breuer o caminho da “cura pela palavra”.

A catarse consistia em liberar o afeto que fora inicialmente ligado ao acontecimento desencadeador da neurose. Quando o acontecimento era recordado, isso propiciava à emoção correlata, chamada por Breuer de “afeto estrangulado”, uma expressão verbal, junto com a descarga emocional.³ O resultado era o alívio imediato do sintoma, que se dissipava pela via da palavra.

Freud trabalha com o método catártico em seus primeiros desafios junto à histeria. Segundo a teoria compartilhada na época por Breuer e Freud, o acontecimento traumático provocava uma dissociação entre afeto e idéia, idéia esta que, sendo inconciliável com o restante das representações do sistema consciente, era afastada da consciência, formando um outro lugar psíquico, independente do primeiro. Porém, ao tentarem explicar o porquê disso acontecer àquelas pacientes, aparece a primeira divergência

² No original: “Podemos atribuir a Anna O., como a todas las enfermas de los Estudios, una parte do descubrimiento del psicoanálisis, com el mismo derecho que assiste a Breuer y al propio Freud.”

³ A essa reação emocional, catártica, que permitia o escoamento do “afeto estrangulado”, Breuer denominou “Ab-reação”. (Breuer-Freud, 1893)

entre os dois pesquisadores. Breuer sustentava a teoria dos “estados hipnóides”, segundo a qual haveria, em algumas pessoas a tendência a apresentar, espontaneamente, um estado de consciência similar ao provocado pela hipnose, o que as deixaria suscetíveis a acontecimentos desencadeadores de neurose. Ou seja, seria somente nesses momentos que um determinado acontecimento teria força para provocar o adoecimento histérico. Freud não se satisfaz com esse aspecto da teoria de Breuer, e, em vez de focar o estado psíquico do sujeito no momento em que se deu o acontecimento em questão, prefere valorizar o conteúdo da lembrança invocada pelo tratamento. A partir daí, surge um novo e mais definitivo desacordo entre Breuer e Freud. Freud é levado, por seu interesse no teor das histórias contadas por suas pacientes, a passar para o primeiro plano a influência da sexualidade na explicação da histeria.

Antes, porém, de adentrarmos pela experiência freudiana com as histórias de cunho sexual, achamos interessante ressaltar, como o faz Trillat, que a primeira divergência, em torno da teoria dos estados hipnóides, envolvia ainda uma outra diferença entre os dois médicos: “Essa divergência de ponto de vista não deixa de ter relação com os métodos utilizados por ambos os protagonistas”(Trillat, 1986:233). Breuer trabalha durante todo o tempo de sua atividade clínica com a hipnose, Freud muito cedo abandona a hipnose⁴ em função da associação livre, método vigente na psicanálise até os dias de hoje.

⁴ Consta que, por ocasião do tratamento de Elizabeth von R., que procura Freud no outono de 1882, a hipnose é completamente abandonada como meio de tratamento. A análise desta paciente é conduzida através do método hipnótico apenas em sua fase muito inicial. (cf. Gay, 1995:82)

Na verdade, o que essas divergências denunciavam é o interesse de Freud em construir um saber especialmente coerente com sua vivência clínica, nem sempre submetido às exigências científicas de seu tempo. O grande precursor do método de associação livre é o trabalho de interpretação dos sonhos, uma prática que se distingue da verificação médica, e que vai ser, até o fim da obra de Freud, valorizada como principal instrumento do psicanalista. Freud, em *A História do Movimento Psicanalítico*, ao relatar esse desacordo com Breuer com relação à teoria dos estados hipnóides, diz o seguinte:

“Eu via a questão de forma menos científica; parecia discernir por toda parte tendências e motivos análogos aos da vida cotidiana, e encarava a própria divisão psíquica como o efeito de um processo de repulsão que naquela época denominei de “defesa”, e depois, de “recalque”.(Freud, 1989 [1914]:20)

Notemos que ao privilegiar a “defesa” como explicação para a constituição do inconsciente e para a causa da histeria, Freud está se voltando para o conteúdo das histórias vividas por cada uma de suas pacientes, interesse que o distancia das elaborações teóricas de Breuer. Em 1896, já trabalhando sem o auxílio da hipnose, Freud escreve *A Etiologia da Histeria*. Ele continua a buscar, junto a suas pacientes, as causas desencadeadoras da neurose. Neste artigo o autor conta como chegou, com muita dificuldade inclusive para si mesmo, à certeza de que a histeria apresentava a mais estreita relação com questões sexuais.

“Apenas as mais laboriosas e

detalhadas investigações converteram-me, e bastante lentamente, à concepção que hoje sustento. Se submeterem ao mais rigoroso exame minha afirmação de que a etiologia da histeria pousa na vida sexual, os senhores verificarão que ela é confirmada pelo fato de que, em dezoito casos de histeria, pude descobrir essa conexão em cada sintoma isolado e, onde o permitiram as circunstâncias, pude confirmá-lo pelo sucesso terapêutico.” (Freud, 1989 [1896]:186)

Notamos que a importância do fator sexualidade na etiologia da histeria vem a Freud através de uma inegável experiência. No relato de todas as histéricas que tratava, Freud se depara com experiências traumáticas que envolviam a sedução por parte de um adulto. Este é um primeiro passo em direção ao que seria descoberto mais tarde, com relação à especificidade da sexualidade humana. A clínica obriga Freud a seguir adiante; conforme suas próprias palavras, “os investigadores geralmente encontram mais do que procuram”(Freud, 1989 [914]:27). Conduzido pelas lembranças de suas pacientes, que se associavam ao mal estar presente, Freud se depara com um fato novo: as cenas de sedução recordadas, que realmente funcionavam como propulsoras da neurose, datavam de muito antes da puberdade, período este, que era comumente considerado como a primeira fase da sexualidade humana.

“Fomos puxados cada vez mais para o passado; esperávamos poder parar na puberdade, período ao qual se atribui tradicionalmente o despertar dos impulsos sexuais. Mas em vão; as pistas conduziam ainda mais para trás, à infância a aos seus primeiros anos.”(Freud, 1989 [1914]:27)

A sexualidade infantil vem à tona nesse momento, mas aparece ainda nesse período inicial recoberta pela realidade concreta. Ainda era época em que Freud tomava ao pé da letra essas histórias, acreditando no que lhe diziam as histéricas; havia a preocupação em estabelecer uma correspondência com a realidade. Porém, ao direcionar-se à infância, Freud preparava o caminho para a descoberta da sexualidade tal como essa vai ser concebida pela psicanálise. Ele passa a dirigir seu interesse aos primeiros anos da infância de suas pacientes, buscando ali os fatores traumáticos, mas a enorme incidência de cenas de sedução relatadas pelas histéricas faz com que Freud questione a ocorrência real de tais atitudes perversas por parte dos adultos. Freud começa, então, a duvidar do que lhe dizem suas pacientes. É um momento difícil para o pesquisador, que vê os alicerces de seu sistema teórico ameaçados:

“A análise nos tinha levado até esses traumas sexuais infantis pelo caminho certo, e no entanto, eles não eram verdadeiros. Deixamos de pisar em terra firme”(Freud, 1989 [1914]:27).

Assim, Freud revela a Fliess, na famosa carta de 21-09-1897:

“E agora quero confessar-lhe o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nesses últimos meses. Não acredito mais em minha ‘neurótica’...”(Masson,1986:265).

Ao duvidar, porém, da palavra de suas histéricas, Freud vai

descobrir que elas não mentem, apenas lhe falam de uma realidade outra, a realidade psíquica. Prosseguindo em seus estudos, Freud se dá conta de que as cenas de sedução recordadas pelas histéricas, agora chamadas de fantasias de sedução, apresentavam-se no psiquismo com a finalidade de encobrir a atividade auto-erótica infantil. Aquilo que fantasiavam ter sofrido passivamente, na verdade tentava ocultar, e embelezar, o caráter ativo da sexualidade infantil. “...agora, de detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz”(Freud, 1914:28). Freud vai, então, se dedicar ao estudo da sexualidade infantil, que servirá de protótipo ao entendimento da sexualidade humana no viés psicanalítico, e à qual dedicará um de seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, em 1905.

Notemos, porém, que das primeiras asserções freudianas sobre o papel da sexualidade até o ano de 1905, quando a sexualidade infantil é tratada como fazendo parte do desenvolvimento normal da criança, uma história se escreveu em torno do tema sexualidade. Esse sexual não encerrou sempre a mesma conotação. No caso das primeiras histéricas, a teoria da sedução trazia consigo uma preocupação de correspondência com a realidade. A sedução que teria traumatizado a criança era entendida, poderíamos dizer, como genital, e não exatamente sexual, no sentido psicanalítico. É assim que, sobre a teoria de sedução, Regina Neri escreve:

“ Essa teoria tem como pano-de-fundo uma cena real de sedução. O cenário, sedução pelo pai ou por um

adulto substituto, é um cenário genital e, nesse sentido, prevalece uma equivalência do sexual ao genital, a sexualidade estando ainda associada à genitalidade. Assim, podemos afirmar que esse modelo não permite ainda uma diferenciação do genital e do sexual.”(Neri, 1988:21)

É apenas quando a fantasia é trazida para o primeiro plano das postulações psicanalíticas que o sexual tão enfatizado por Freud torna-se uma de suas grandes descobertas. Além disso, o processo que vai da teoria da sedução à fantasia, constitui-se fundamental no encaminhamento que vai sofrer a psicanálise como proposta teórica e clínica, pois, conforme notamos, é no fim desse trajeto que afirma-se a idéia de realidade psíquica como a única realidade a importar na psicanálise. Na carta a Fliess mencionada acima, Freud, após relatar suas desconfianças acerca da veracidade da sedução, faz uma declaração que merece ser destacada. Discorrendo sobre as razões que o impeliram a dar uma virada em suas considerações teóricas, ele assinala a principal delas:

“...o conhecimento seguro de que não há indícios de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto.” (Masson, 1986:265-266).

Chegando à afirmação da realidade psíquica através das fantasias sexuais das histéricas, a trajetória freudiana assinala a relação intrínseca entre o sexual e o inconsciente. Na verdade, a teoria da sedução já marcava tal relação, pois o conteúdo do trauma,

que provocava a dissociação psíquica, era sempre de cunho sexual. Tratava-se, porém, de um sexual que invadia o psiquismo da criança, a partir de um fato externo. Agora, compreendendo as cenas de sedução como fantasias, um importante movimento se dá: a implicação do sujeito na dinâmica sexual que desencadeia a defesa, constituindo o processo inconsciente. Nessa nova visada, a criança é compreendida como um sujeito desejante, e é sobre o seu desejo que incide o recalque. Esse caminho teórico vai levar Freud a postular o complexo de Édipo como núcleo do desenvolvimento psico-sexual. Devemos, inclusive, assinalar que a auto-análise de Freud, iniciada em 1896, influencia o rumo que a psicanálise toma, que vai do trauma ao auto-erotismo, pois em sua análise pessoal, Freud se depara com suas próprias fantasias edípicas inconscientes. A partir desse novo olhar para os fenômenos psíquicos, onde a realidade concreta dá lugar à fantasia, a psicanálise se afirma como um saber e uma clínica atenta à singularidade das formações psíquicas de cada sujeito, construídas a partir das particularidades de sua história e do funcionamento inconsciente.

1.2) O Caráter Pulsional da Sexualidade

*"O que será que será
 Que todos os avisos não vão evitar
 Porque todos os risos vão desafiar (...)
 O que não tem certeza, nem nunca terá
 O que não tem conserto, nem nunca terá
 O que não tem tamanho"⁵*

⁵ Chico Buarque de Holanda, música: O que será (À flor da terra), do disco *Meus Caros Amigos*

Numa nota de 1924, acrescentada aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud diz o seguinte: “a doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica”(Freud, 1924:158). De fato, trata-se de um conceito de difícil demarcação teórica, que apresenta-se, na verdade, como uma ficção. Freud refere-se a sua teoria das pulsões como sua mitologia (Freud, 1933), uma inferência teórica não verificável diretamente, mas que se fez necessária à compreensão dos fenômenos observados na prática clínica. Segundo Garcia-Roza:

“...é por metáforas que falamos da pulsão (...) A pulsão não é uma descoberta freudiana, mas uma produção teórica de Freud. Portanto, no sentido mais estrito da palavra, ela é uma invenção.” (Garcia-Roza, 1993:14)

Para esmiuçar a teoria das pulsões seria necessário um estudo mais pormenorizado, especialmente destinado ao tema. Assim, não pretendemos seguir as diversas vias que se abrem em torno do conceito de pulsão. Vamos entrar nessa discussão apenas o suficiente para desenvolver nosso objetivo de ressaltar a especificidade que o sexual encerra no contexto psicanalítico, para então iniciarmos, no fim do capítulo, um debate em torno dos pressupostos naturalistas de Freud. Nesse sentido, assinalamos que a construção do conceito de pulsão traz, em si, o caráter revolucionário da invenção freudiana, pois torna-se aquilo que, atrelado à noção de fantasia, nos possibilita compreender a sexualidade numa ordem outra que não a do instinto.

A preocupação em desvendar os mistérios da sexualidade humana, fadada às mais amplas variações, impulsiona Freud em todas as etapas de elaboração dos seus *Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade*, primeiramente publicado em 1905, e, por que não dizer, permeia toda a construção da psicanálise. Assinalamos, dessa forma, que o conceito de pulsão aparece na teoria como uma resposta de Freud à particularidade desse sexual, verificada por ele através da clínica e da observação comum. Para abordar o tema, escolhemos seguir uma observação feita por Noga Wine, no livro *Pulsão e Inconsciente* (1992). A autora aponta que o caráter pulsional da sexualidade pode ser abordado, no texto de Freud, através de dois caminhos. O primeiro deles seria relativo à satisfação sexual, que não é alcançada de forma integral, e deixa sempre uma resto de excitação inassimilável. É disso que Freud se dá conta ao observar a criança recém-nascida que, após a amamentação, leva o dedo a boca, sugando-o com leite. Uma segunda via pela qual podemos discutir o conceito de pulsão diz respeito à especificidade de sua relação com o objeto de satisfação. Freud constata a ausência de uma ligação entre a pulsão sexual e seu objeto, que vai ser escolhido a partir de contingências particulares, a partir das fantasias de cada sujeito.

Quanto à primeira dessas evidências, ligada à amamentação, devemos observar que esta é uma idéia concernente à teoria freudiana sobre o funcionamento psíquico, que seria impulsionado pelo princípio do prazer. Isso assinala, já na experiência do lactente, a presença da satisfação sexual. É a busca

de prazer que serve de referencial ao desenvolvimento humano, e não simplesmente o impulso para saciar a fome. Vejamos a citação abaixo:

“Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como uma norma de expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida.” (Freud, 1989 [1905]:170)

O sexual para o humano começaria, assim, desde os primeiros contatos que o bebê mantém com aqueles que o cercam, e que o referencial prazer \ desprazer se impõe como modelo, fazendo com que a criança esteja sempre pronta a evitar o desprazer e buscar o prazer. Freud postula que, ao receber o seio, o bebê encontra algo a mais, um prazer que excede o apaziguamento da fome, que ele vai tomar como referência de satisfação, e tentar repetir. Vejamos o comentário de Noga Wine a esse respeito:

“Fica evidente que o ato de sugar o seio lhe proporcionou um prazer (ao bebê) que nada tem a ver com a ingestão do leite e a conservação do corpo. Há uma outra ordem, ou desordem, que aí atua, ainda camuflada. É o regime pulsional que não visa a satisfação da fome, mas do prazer. (Wine, 1992:31)

Há, dessa forma, uma defasagem que se impõe entre aquilo que é buscado e o que pode ser encontrado. O importante a ser sublinhado na experiência da amamentação, é que o prazer passa a

ser buscado independente da fome, marcando a vigência da organização pulsional, que situa o humano para além do registro da necessidade. Nesse panorama que se constrói em torno do sexual no âmbito humano, fica claro um descolamento que se opera em relação à ordem do instinto. No registro instintivo, o corpo é impulsionado a um determinado objeto, preestabelecido, que garante a satisfação, através de caminhos previamente traçados. Luciano Elia, no livro *Corpo e Sexualidade em Freud e Lacan*, nos dá uma boa definição de instinto, parindo da psicobiologia:

“Um instinto é um padrão fixo, invariável de comportamento, comum a todos os indivíduos de uma mesma espécie, voltado para um objeto específico e predeterminado de satisfação, que o é precisamente para garantir que sua finalidade seja alcançada.”(Elia, 1995:47)

Exceto pelo fato de que a pulsão sexual afeta a todos os sujeitos, essa definição deixa claro que a noção de instinto é inadequada para se referir às características da vida sexual humana. Isso é especialmente verificado no que diz respeito à liberdade concedida pela pulsão para as escolhas objetais. Entramos, assim, em outra característica fundamental para a compreensão da noção de pulsão: a contingência de seu objeto de satisfação. Essa afirmação é feita por Freud no primeiro dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, onde ele estuda as aberrações sexuais. De acordo com a classificação vigente, na época de Freud, as aberrações sexuais eram compreendidas como um desvio da norma, que poderia se dividido em dois tipos: desvio quanto ao objeto sexual, e desvio

quanto ao alvo sexual⁶.

O primeiro tipo de desvio seria o desvio próprio dos invertidos, ou homossexuais. Ao analisar essa espécie de conduta, Freud se coloca em oposição às construções teóricas de seu tempo, que explicavam o fenômeno da inversão através da degeneração, ou do caráter inato. Freud vai assinalar que os invertidos, em sua maioria, não apresentam nenhum outro desvio psíquico para que possam ser chamados de degenerados. Além disso, nos diz Freud:

“É preciso considerar que nos povos antigos, no auge de sua cultura, a inversão era um fenômeno freqüente, quase que uma instituição dotada de importantes funções” (Freud, 1989 [905]:131).

Também quanto ao caráter inato da inversão, Freud vai levantar objeções. Um dos mais fortes argumentos contra esse caráter sustenta-se no fato de , em alguns casos, ter sido a inversão eliminada pela sugestão hipnótica, o que, segundo as palavras de Freud, “seria assombroso numa característica inata”(Freud, 1989 [905]:132). Para Freud a inversão teria que ser explicada como um caráter adquirido da pulsão sexual, ou seja, seriam as experiências vividas, singularmente , que poderiam servir como desencadeadores desse fenômeno.

Um outro fator chama a atenção de Freud no estudo sobre os invertidos. Muitos dos homens que escolhem objetos sexuais do

⁶ Talvez seja importante deixar claro que Freud chama de objeto sexual a pessoa a quem se dirige o investimento pulsional, e de quem provém a atração sexual. Quanto ao alvo sexual, este consiste na ação para a qual a pulsão impõe. (cf. Freud, 1989 [1905]: 127)

mesmo sexo que o seu, apresentam, ao contrário do que se poderia esperar, características psíquicas e atitudes qualificadas como masculinas, isto é, a preferência sexual objetal não ameaça sua virilidade. Em outros casos o mesmo não se verifica. Freud vai cada vez mais adentrando pela pluralidade de conformações que a vida sexual humana pode adotar, e se distanciando de uma abordagem nosográfica, pronta a classificar como aberrante, qualquer desvio daquilo que é designado normal. É através desse caminho que Freud chega, pela primeira vez, a uma das conclusões mais importantes sobre a pulsão sexual: a certeza de que não há objeto determinado para a satisfação pulsional. Vejamos a citação abaixo:

“ Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, **a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deva ela sua origem aos encantos deste.**” (Freud, 1989 [1905]:138-139. Grifos nossos)

Ao contrário do que acontece com o comportamento guiado pelo instinto, o ser humano não conhece o objeto adequado para a realização de seu desejo sexual. O objeto é o que há de mais variável na pulsão, essa é uma afirmação freudiana de 1915, no texto *Pulsões e suas Vicissitudes*. Podemos entender, com essa característica da pulsão, que a sexualidade humana está fadada a nunca encontrar um objeto adequado, que estaria marcado para a completude do sujeito, o que se une ao caráter parcial da satisfação. No entanto, justamente em torno do objeto pulsional, vemos surgir uma controvérsia no texto freudiano, que vai se estender no campo psicanalítico pós-

freudiano.

Podemos dizer que , em oposição à idéia de que não há objeto que satisfaça a pulsão, erguem-se os pressupostos desenvolvimentistas, subjacentes à formação intelectual freudiana, que estão apoiados em conjecturas biológicas. Dessa forma, uma das vias abertas por Freud para a compreensão da sexualidade, indica uma correspondência entre a construção do sexual e a maturação biológica do organismo para o ato sexual. Essa vertente do pensamento freudiano, que a nosso ver institui um paradoxo, tem importantes repercussões nas formalizações que o autor vai tecendo em torno da diferença sexual, produzindo como efeito uma vertente naturalista para o enfoque dessa questão. Assim, Freud postula a teoria do desenvolvimento da libido, dividida em fases que representam formas de satisfação buscadas pela criança, de acordo com diferentes etapas vivenciadas por esta em seu desenvolvimento cronológico. Cada uma dessas fases obedece ao domínio de uma zona erógena, parte do corpo que, uma vez estimulada, comporta-se daí para frente como uma fonte privilegiada, de onde parte o impulso para a obtenção de prazer. É importante assinalar que Freud assegura a possibilidade de qualquer parte do corpo, qualquer ponto da pele ou da mucosa, poder funcionar como zona erógena, basta que ali se produzam sensações prazerosas. Ele marca, porém, a existência de zonas predestinadas a se erogenizarem, a partir de uma maior sensibilidade , ou dos cuidados dispensados à criança.

As duas primeiras fases são, nessa ordem, a fase oral e a fase anal. São duas etapas da organização sexual que se afirmam na

interação com o meio externo, através de cuidados ou treinamento dos hábitos de higiene. A fase oral é a primeira delas, e apresenta como manifestação da sexualidade o chuchar ou sugar com leite, termos utilizados por Freud. É o momento que inaugura a imersão na ordem sexual, quando o bebê, ao ser alimentado, registra psiquicamente a sensação de prazer, e não a eliminação da fome. A partir daí, durante um certo tempo na vida infantil, o ato de levar à boca objetos ou partes do próprio corpo, figura como maneira privilegiada de satisfação, já que a zona erógena que comanda a atividade sexual é constituída pelos lábios.

A fase seguinte, a fase anal, é assim denominada pois trata-se da fase em que a região do ânus é tomada como zona erógena. O reinado dessa etapa se inicia quando os hábitos de higiene da criança são treinados. A atenção dela passa, então, a fixar-se na parte do corpo em questão, o que é acentuado pela sensação de prazer advinda do ato de defecar, bem como do controle que a criança passa a poder obter sobre essa atividade. Assim como os lábios num período anterior, esta zona é considerada por Freud como predestinada à erogenização e, por isso, Freud fala na fase anal como fazendo parte do desenvolvimento psico-sexual de todas as crianças.

As fases que se seguem, a fase fálica e a fase genital, são as que realmente interessam para nossa discussão. Freud tece, já nos *Três Ensaio*s, algumas considerações sobre a prevalência dos genitais como zona erógena na infância, mas é apenas em 1923, num texto destinado a ser um complemento aos *Três Ensaio*s, A

Organização Genital Infantil, que é postulada a existência de uma fase fálica compondo o processo evolutivo psico-sexual da criança. Tal interpolação é construída afirmando que, quando os genitais passam a ser fonte privilegiada de prazer, é apenas o órgão masculino que existe para as crianças. Trata-se de uma fase correlata à descoberta da diferença anatômica entre os sexos, e nesse movimento a anatomia feminina não é compreendida como um outro sexo, um sexo feminino, mas como o resultado de uma castração. Como veremos mais profundamente no próximo capítulo, a fase fálica é acompanhada por fantasias edípicas, que funcionam como substrato para o posicionamento na vida amorosa no futuro. O que é claro na fase fálica é que a diferença sexual não é inscrita psiquicamente, apenas o falo existe, e pode estar ausente ou presente.

A próxima etapa a se consolidar para a sexualidade, após um período de latência, é a fase genital, que se afirma com a chegada da puberdade. Freud vai dedicar seu terceiro ensaio sobre a sexualidade, *As Transformações da Puberdade*, a caracterizar esse novo estágio da organização libidinal, que se diferenciaria da organização infantil, e que traz consigo a maturação sexual. Esta forma de manifestação sexual estaria em contraposição às formações anteriores, denominadas pré-genitais. A grande diferença assinalada por Freud tem apoio na maturação do corpo biológico, que agora pode atingir o orgasmo, fator importante para a função de reprodução. Para Freud isso denota uma mudança no alvo sexual, que passa a não ser mais puramente a obtenção de prazer, mas

também, e principalmente, o orgasmo sexual que servirá a fins reprodutivos. Vejamos as palavras dele:

“ ...o mais alto grau de prazer vincula-se a esse ato último do processo sexual. A pulsão sexual coloca-se agora a serviço da pulsão reprodutora; torna-se altruísta, por assim dizer.”(Freud, 1989 [1905]:195)

Freud completa suas considerações a esse respeito, em *A Organização Genital Infantil*, quando define a diferença entre a fase fálica e a fase genital adulta:

“ A única diferença está no fato de que na infância a combinação das pulsões e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma. **Assim, o estabelecimento dessa primazia a serviço da reprodução é a última fase através da qual passa a organização da sexualidade.**” (Freud, 1989 [1923]:180. Grifos nossos)

Notemos que a construção freudiana que descreve um percurso evolutivo para o desenrolar da sexualidade, culminando com a maturação final da vida sexual, encontra inegavelmente apoio no desenvolvimento biológico do organismo. Em última instância, é a capacidade reprodutora advinda da puberdade que demarca os dois tipos de atividade sexual, infantil e adulto. Nessa perspectiva, a vida sexual adulta ultrapassa a organização sexual infantil, havendo a indicação de um ápice, onde a sexualidade humana alcançaria realização plena. Essa via aberta por Freud foi explorada pelos teóricos da psicologia do ego, e das relações objetais, que

continuando numa perspectiva desenvolvimentista, viabilizaram a idéia de relação com o objeto genital. Esta última concepção, porém, não é compartilhada por todas as linhas de teoria psicanalítica pós-freudianas.

A Escola de Lacan, especialmente, acentuou enfaticamente o infantilismo como uma característica da sexualidade humana. Freud, a nosso ver, trabalha nas duas direções, e esse é o caráter paradoxal de seu pensamento. Ao mesmo tempo que postula um desenvolvimento maturacional, e portanto natural, para a sexualidade, Freud nos dá um conjunto de enunciados a partir dos quais não podemos deixar de compreender a especificidade da sexualidade humana como uma organização outra, diferenciada da ordem da natureza. Assim, a nosso ver, a indicação freudiana de que na fase adulta a organização sexual abandonaria a forma infantil de satisfação, cunhada pela parcialidade e pela interposição da fantasia, não é representativa da teorização de Freud como um todo.

Em *A vida sexual dos seres humanos* (conferência introdutória XX), encontraremos trechos importantes, que se contrapõem ao viés biológico maturacional. Lá, ao discorrer sobre a especificidade do sexual, Freud diz:

“Se por outro lado tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo.”(Freud, 1989 [1916-1917]:35)

Freud, com essas palavras, assinala, ao contrário do que fez

em boa parte dos *Três Ensaio*s, e em outros trabalhos, a distância entre a sexualidade e a capacidade de reprodução na espécie humana. Seguindo essa diretriz, a distinção entre fase genital e fases pré-genitais não encontra um solo muito fértil, pois seriam da mesma ordem as manifestações sexuais em que a zona erógena é o genital, e as outras manifestações, advindas das mais diversas zonas erógenas.

Em outro momento da conferência citada acima Freud afirma:

“Ampliamos o conceito de sexualidade apenas o bastante para podermos compreender a vida sexual dos pervertidos e das crianças. Isto é, restituímo-lhe sua dimensão verdadeira. **Fora da psicanálise o que se denomina sexualidade refere-se apenas a uma vida sexual restrita, que serve ao propósito da reprodução e é descrita como normal.**” (Freud, 1989 [1916-1917]:373. Grifos nossos)

Freud assinala, nas duas citações, que, sob o domínio do saber psicanalítico, o sexual não está a serviço da reprodução. A maturação biológica, dessa forma, não poderia servir como critério para distinguir as manifestações sexuais infantil e adulta. Assim, recorreremos às considerações de Luciano Elia, para quem o infantil, a partir do texto de Freud, deve ser concebido como um adjetivo, e não como uma fase do desenvolvimento. O infantil viria conferir à sexualidade seu caráter insatisfeito, ou passível unicamente de satisfação parcial, o que não é ultrapassado pela maturação biológica. Vejamos as palavras do autor:

“Não se trata, assim, de um infantil que se oporia a um não mais infantil, o

que levaria Freud a concluir que, por estranhas razões, permanecemos infantilizados quando teríamos a chance de amadurecer, o que evidentemente não é o caso, mas sim de um infantil que define o modo próprio do ser sexual dos humanos.” (Elia, 1995:56)

Pensamos que a interpretação de Elia traduz especialmente a proposta freudiana para a peculiaridade da sexualidade humana. Freud, em 1906, define, em poucas palavras, o resultado de seu percurso de investigação em torno da sexualidade, afirmando que “...os ‘traumas sexuais infantis’ foram substituídos, em certo sentido, pelo ‘infantilismo da sexualidade’” (Freud, 1989[1906]:258). Com o termo “infantilismo da sexualidade”, Freud, de fato, parece se referir a uma característica da sexualidade humana, e não a um estágio pelo qual os sujeitos passariam. Assinalamos, porém, que essa não pode ser uma afirmativa definitiva, se quisermos ser fiéis ao texto de Freud, que abre mais de uma possibilidade para a compreensão do tema. Veremos no próximo capítulo, que as conjecturas biológicas se mantêm como uma das bases da teoria freudiana ao longo de toda a sua construção, o que produz efeito nas formulações do autor acerca da diferença sexual.

CAPÍTULO 2

A DIFERENÇA SEXUAL SEGUNDO FREUD

“Se pudéssemos despojar-nos de nossa existência corpórea e observar as coisas da terra com uma nova perspectiva, como seres puramente pensantes, de outro planeta, por exemplo, talvez nada despertasse tanto a nossa atenção como o fato da existência de dois sexos entre os seres humanos, que, embora tão semelhantes em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos muito óbvios.”⁷

O interesse privilegiado nesse capítulo é apontar a oscilação freudiana entre a utilização de pressupostos naturalistas e construtivistas na determinação da diferença sexual. Para isso, resgataremos as propostas de Freud em torno do tema, o que não se mostra uma tarefa simples, pois contamos com uma imprecisão conceitual quanto às noções de masculino e feminino.

Notamos que, no texto de Freud, duas polaridades

⁷ Trecho do artigo *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*, de 1908.

aparecem como forma privilegiada de abordar a questão da diferença dos sexos. A primeira delas é o par de opostos atividade \ passividade, que reflete particularmente a oscilação freudiana enfocada nessa primeira parte de nosso trabalho. A antítese ativo \ passivo designa, por vezes, uma diferença entre tendências naturais, que distinguem o homem e a mulher. Em outros momentos, ativo e passivo são tratados como tipos diferenciados de atingir satisfação pulsional, ambos presentes em todos os sujeitos.

O segundo instrumental teórico extremamente utilizado por Freud para discutir a diferença sexual é o par de opostos fálico \ castrado. É um critério de abordagem que se torna mais pregnante à medida em que Freud se dedica a explorar mais rigorosamente as vicissitudes envolvidas na vivência do complexo de Édipo, o que acontece, aproximadamente, a partir de 1923. Nesse momento, a antítese atividade \ passividade continua a ser especialmente importante para a teorização freudiana, mas encontra-se entrelaçada com a oposição fálico \ castrado.

Dividiremos nosso capítulo em duas partes que representam, grosso modo, dois períodos da investigação de Freud. Primeiro resgataremos as formulações feitas entre 1905 e 1914, onde privilegiamos as contribuições dos *Três Ensaio*s (primeiramente publicado em 1905) e do texto reservado ao narcisismo, de 1914. Numa segunda parte, trabalhamos as afirmações freudianas compreendidas entre 1923 e 1933, período em que Freud se dedicou mais diretamente aos processos de sexuação masculino e feminino, a partir da teoria do complexo de Édipo.

2.1) Masculino e Feminino: De 1905 a 1914

Vamos iniciar a nossa pesquisa teórica com uma consideração freudiana, bastante significativa:

"É indispensável deixar claro que os conceitos de "masculino" e "feminino", cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora se empregam "masculino" e "feminino" no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável em psicanálise." (Freud, 1989 [1915]: 207)

Com essa observação, Freud ressalta o caráter especialmente inconclusivo que circunda sua teoria da diferença sexual. Trata-se de uma nota de 1915, acrescenta aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Nesse trecho, apesar de apontar a dificuldade da questão, Freud dá um conteúdo à diferença sexual, a partir do par de opostos ativo \ passivo. Além disso, suas palavras indicam que a dimensão psicanalítica de abordagem deve ser destacada dos níveis de apreensão biológico e sociológico. O que verificamos, entretanto, é que ao lançar mão da antítese atividade \ passividade, Freud muitas vezes se apropria de conjecturas biológicas, concebendo naturalmente a diferença.

A superposição de ativo e passivo a masculino e feminino

começa a ser rigorosamente elaborada em 1905, na primeira edição dos *Três Ensaio*s. É uma idéia que se encontra ancorada nas observações freudianas sobre a sexualidade das crianças. No terceiro ensaio - *As transformações da puberdade* - encontramos um apartado intitulado “Diferenciação entre o homem e a mulher”. Ali Freud descreve as bases de sua teorização. Ele nos mostra que as manifestações auto-eróticas e masturbatórias são idênticas em ambos os sexos. A menina tem no clitóris sua principal zona erógena, homóloga ao pênis, da qual obtém prazer manipulando-a de forma ativa. A esta atividade Freud confere caráter masculino. A menina seria, tal qual o menino, masculina - porque ativa - na manifestação de sua sexualidade nesta fase. Não há, então, nessa época, como diferenciar sexualmente o menino e a menina. É o que Freud afirma no seguinte trecho:

“...essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade (Freud, 1989 [1905]: 206).

Depreendemos da citação acima que a conformidade característica da vida sexual infantil, no que diz respeito à manifestação da sexualidade, é ultrapassada com a chegada da puberdade. Segundo Freud, a excitação clitoridiana sucumbirá a uma onda reforçada de recalçamento por ocasião da adolescência, dando lugar à vagina como principal zona erógena. Assim surge a sexualidade propriamente feminina, caracterizada por uma tendência à passividade.

Antes de prosseguirmos, devemos assinalar o teor do termo passividade no contexto psicanalítico. Passividade significa sempre a busca de satisfação por fins passivos, o que não elimina uma grande quantidade de investimento (ativo) posta a esse serviço. É nesse sentido que a libido é tratada como masculina. É o que Freud assegura na seguinte nota de 1915, acrescentada aos *Três Ensaio*s:

“A isso se deve que o libido seja descrita no texto como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo.” (Freud, 1989[1915]:207)

As noções de masculino e feminino, tratadas psicanaliticamente no âmbito da satisfação sexual, significam formas - ativa ou passiva - de finalidade pulsional. A teoria da bissexualidade freudiana afirma que os dois tipos de satisfação marcam, igualmente, a experiência sexual de homens e mulheres. Veremos mais adiante que, partindo da bissexualidade, qualquer posicionamento possivelmente relacionado com a diferença sexual deve ser compreendido como uma construção. Nessa perspectiva, se a passividade ou a atividade se apresenta, com o desenrolar da sexualidade, como manifestação predominante num determinado sujeito, isso deve ser atribuído ao caminho identificatório por ele percorrido. Porém, boa parte das formulações freudianas em torno da antítese ativo \ passivo, indicam uma diferença que se estabelece entre o homem e a mulher, a partir de uma caminho biologicamente traçado.

Voltando aos *Três Ensaio*s, Freud diz, então, que a

sexualidade propriamente feminina só vai ser experimentada com a chegada da puberdade, mesmo período em que o corpo biológico torna-se apto à reprodução. Vejamos a citação abaixo:

“Durante os processos da puberdade firma-se o primado das zonas genitais e, no homem, o ímpeto do membro agora capaz de ereção remete imperiosamente para o novo alvo sexual: a penetração numa cavidade do corpo que excite sua zona genital.” (Freud, 1989 [1905]:209)

As palavras de Freud mostram que a divisão ativo / passivo se entrelaça com a disposição do homem e da mulher na função reprodutora. Notamos que esse tipo de enunciado freudiano está claramente apoiado na vertente de seu pensamento que designa um desenvolvimento para a sexualidade a partir da maturação do corpo biológico. Nesse caminho, encontramos indicações de que a diferença sexual, segundo Freud só estabelecida após a puberdade, tem um destino previamente fixado, dividindo homens e mulheres em ativos e passivas. Esse seria um processo natural e normal. Vejamos a seguinte afirmação de Freud: “Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal e definitiva” (Freud, 1989[1905]:195). Queremos ainda destacar uma consideração freudiana que é, a nosso ver, a mais representativa da corrente de pensamento naturalista, presente no texto freudiano:

“Sabe-se que somente com a puberdade se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, num contraste que tem, a partir

daí, uma influência mais decisiva do que qualquer outro sobre a configuração da vida humana. **É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão, etc.) ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos;** nelas, em geral, a tendência ao recalçamento sexual parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva.”(Freud, 1989[1905]: 206. Grifos Nossos)

A partir dessas palavras, notamos que Freud busca mais uma vez na natureza as explicações para as diferenças entre homens e mulheres. Ele assegura, no trecho citado, uma tendência natural que já se pode notar antes mesmo do desenvolvimento da função reprodutora, explicando características observadas nas meninas por intermédio de uma essência própria da mulher.

Assinalamos que a polaridade ativo \ passivo pode ser discutida no âmbito da bissexualidade, o que exploraremos mais a frente, mas pode também ser utilizada como critério para a separação dos sexos em homem e mulher, a partir de um destino natural. Além disso, como principal norteadora da teorização freudiana sobre o tema, a antítese atividade / passividade encontra-se interligada a outras polaridades às quais Freud recorre para teorizar sobre a diferença sexual. Analisemos, então, um outro par de opostos - sujeito / objeto – o que faremos especificamente a partir do texto *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*, de 1914. A articulação entre a oposição sujeito \ objeto e o tema da diferença sexual é literalmente apontada por Freud em *A organização Genital Infantil*, de 1923. Nesse trabalho, finalizando suas considerações, Freud afirma:

“A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade.” (Freud, 1989 [1923]: 184)

Ele, porém, não nos mostra, no texto de 1923, em nenhum momento, as bases teóricas para a superposição de sujeito e objeto a masculino e feminino. Sustentamos a idéia de que a articulação dessas polaridades começa a ser trabalhada por Freud no trabalho destinado a discutir o narcisismo. Ali, uma das formas utilizadas para abordar o assunto diz respeito à observação da vida erótica dos seres humanos. A esse propósito, Freud assinala a existência de dois tipos diferentes de escolha objetal, que mais poderiam ser definidos como dois tipos de atitude quanto ao objeto de amor, ou duas formas de amar. A primeira forma, mais cedo vislumbrada pela teoria, diz respeito à escolha objetal do tipo anaclítico, ou de ligação. Segundo essa corrente amorosa, o objeto escolhido toma o lugar do primeiro objeto de amor, aquele que inicialmente amamentou e cuidou do sujeito. Trata-se de uma substituição deste primeiro objeto, que traz dele alguma característica.

A segunda forma de amar enunciada por Freud se daria em conformidade com o que ele denominou tipo narcisista. Nessa configuração o objeto de amor pode representar para a pessoa, segundo a descrição freudiana: a) o que ela própria é; b) o que ela própria foi; c) o que ela própria gostaria de ser ou d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. Esta escolha amorosa seria um remanescente do narcisismo primário, período abordado por Freud como um estágio muito inicial do desenvolvimento, em que a libido

está totalmente investida no ego, não tendo ainda se deslocado para objeto externo algum.

Entrelaçando esses dois tipos de escolha amorosa com a teoria da diferença sexual, Freud afirma ser usual os homens escolherem seus objetos de amor pela conformação anaclítica, e as mulheres pelo tipo narcisista. A distinção entre as escolhas de tipo narcisista e de ligação nos parece, entretanto, problemática, pois é difícil imaginarmos uma escolha amorosa, por parte do homem ou da mulher, que não vise a completude narcísica. Assim, abandonaremos essa forma de diferenciação, entre uma escolha do tipo anaclítico e outra do tipo narcísico, como base para traçar uma distinção entre homens e mulheres. Acreditamos, porém, que Freud pretende, no texto sobre o narcisismo, assinalar uma diferença entre os sexos, que pode ser abordada em outros termos. Busquemos, então, os subsídios que nos ajudam a compreender o que pensamos ser a intenção de Freud nesse momento, com relação à diferença sexual

Quando Freud observa ser típico dos homens amar através do modelo anaclítico, assim como seria própria das mulheres a escolha objetal governada pelo tipo narcisista, vejamos as características que ele dá a respeito dessas duas formas de amar. Quanto aos homens, a descrição é de que estes amam de forma idealizada o seu objeto amoroso, cuja importância é supervalorizada. As mulheres, estas se mostram onipotentes, parecendo poder facilmente prescindir de seu objeto, e se comportando como se amassem unicamente a si mesmas. Notamos que Freud qualifica a mulher como aquilo que provoca a atração, ou que suscita o investimento libidinal, na parceria amorosa. Ela é descrita como um objeto que seduz o homem, exalando uma completude, um fascínio, que provoca o seu olhar, o seu desejo, o seu

amor. Esta descrição está muito próxima da afirmação freudiana, feita em 1905, nos *Três Ensaio*s, segundo a qual o objeto é aquilo de onde provém a excitação sexual. (Freud, 1989[1905]:127)

Sujeito e objeto significariam, então, no âmbito da divisão dos sexos, a oposição entre amar, o que denota uma finalidade ativa da pulsão, e ser amado, indicando a satisfação por fins passivos. Somos levados, a partir daí, a apontar um desdobramento explícito nessa designação: vemo-nos diante de mais um modo de abordar o par de opostos atividade / passividade. Vejamos o que Freud diz a respeito dessa forma feminina de se colocar na ligação amorosa, o que, segundo ele, é especialmente verificado quando as mulheres são belas:

“Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável a do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças”. (Freud, 1989 [1914]:105)

A partir do trecho citado, notamos que Freud está diferenciando homens e mulheres pela oposição amar \ ser amada, o que, conforme assinalamos, entrelaça-se com a oposição sujeito \ objeto. Percebemos, assim, que Freud utiliza a polaridade sujeito \ objeto para, mais uma vez, distinguir homens e mulheres em ativos e passivos. No entanto, se lembrarmos que, lado a lado com a possibilidade de designar uma distinção entre homens e mulheres, a polaridade atividade \ passividade reveste-se também da noção de bissexualidade, podemos afirmar que não é uma prerrogativa da mulher ocupar a

posição de objeto, no sentido de buscar ser amada, em vez de amar. Também o posicionamento ativo na relação amorosa, não necessariamente indica o lugar do homem. Se Freud deu um suporte para que essa diferença fosse traçada em termos de homem e mulher, deveríamos nos perguntar em que ele se apoia. Aqui, gostaríamos de apontar que, além de estarem apoiados na biologia, os pressupostos naturalistas de Freud parecem refletir designações forjadas no seio da cultura.

Célia Bertin, em seu livro *A Mulher em Viena nos Tempos de Freud*, (1990) nos mostra que à mulher vitoriana, sobre a qual Freud escreveu, era reservada, como ordem natural das coisas, a posição de esposa, dependente de seu marido. De fato, qualquer participação na vida pública, no âmbito econômico ou intelectual, era encarada como uma atitude destinada aos homens. Tal era a organização social do tempo de Freud, que se reflete em sua formação. Percebemos isso através das cartas que escreveu a Marta, sua noiva, dentre as quais, destacamos uma em especial. Logo que Freud traduz para o alemão a obra de cunho feminista de Stuart Mill, ele escreve a Marta, demonstrando sua desaprovação para com as idéias do autor inglês. Mill defendia o acesso das mulheres à educação, o que lhes ofereceria condições de igualdade com os homens na luta pela vida pública. Assim procedendo, contrapunha-se aos ideais que marcavam uma diferença biológica, e por isso intransponível, entre os sexos. A respeito da concepção de Mill, Freud escreve a Marta:

“Não, a esse respeito sou antiquado, desejo a minha Marta como ela é, e ela própria não há de querer

que seja diferente; a legislação e os costumes concederão às mulheres muitos direitos que ainda lhe são vedados, mas a posição da mulher não pode ser diferente: ser uma namorada adorada na mocidade e uma esposa amada na maturidade.” (Bertin, 1990: 229)

Esse fragmento destacado acima poderia dizer respeito unicamente à vida pessoal de Freud, mas mostra-se de grande valor para nós, uma vez que torna clara a influência de concepções advindas da ordem social vigente, influenciando sua teoria em torno da diferença dos sexos. Em um mundo dividido entre homens produtivos economicamente, e mulheres submissas, à sombra dos cuidados masculinos, Freud faz coincidir o polo de satisfação pulsional por fins passivos com o feminino, e o polo oposto com o masculino. Isso às vezes parece perceptível ao próprio Freud. No texto sobre o narcisismo, de 1914, quando ele nos fala da tendência da mulher em ser amada e em ocupar o lugar de objeto, chama a atenção para a influência da ordem social nesta configuração. Diz Freud:

“As mulheres especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo auto-contentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhe são impostas em sua escolha objetal.”(Freud, 1989 [1914]: 105)

Sabemos, contudo, que nem sempre Freud ressalta os fatores sociais. Podemos, hoje, inferir que a vertente naturalista freudiana sofre influências das determinações culturais de sua época, mas as formulações de Freud que indicam uma naturalização da diferença entre homem e mulher estão sempre fundamentadas em conjecturas

biológicas. Entretanto, Freud vai muito além de criar uma teoria que venha apenas traduzir para a esfera psíquica uma condição social desigual, naturalizando a diferença sexual. Os diversos desdobramentos de sua investigação em torno do enigma da diferença sexual têm repercussões de indiscutível valor na compreensão das vicissitudes do funcionamento psíquico, seja de homens, seja de mulheres. É assim que, comentando a respeito dos postulados freudianos que remetem a um destino natural para a sexuação, Serge André aponta:

“Essa tese tem por fundamento um postulado que, convenhamos, não é nada mais que um preconceito: a mulher teria uma tendência natural à passividade, e o homem, uma tendência natural à atividade. É evidente essa referência - na maioria das vezes implícita - a uma “natureza” da mulher ou do homem que cria dificuldades, na medida em que ela caminha em sentido exatamente contrário ao da trajetória freudiana, que visa mostrar, precisamente, que não há natureza do masculino e do feminino.”
(André, 1991:86)

Percebemos que André reconhece em Freud pressupostos naturalistas, mas não os considera dominantes, ou mais significativos, para a compreensão da diferença sexual no contexto mais amplo da trama conceitual freudiana. De fato, Freud nos abriu caminho para entendermos a sexuação como uma construção psíquica, guiada pelo processo identificatório, que se dá na interação com o outro, e não naturalmente. É o que verificamos a partir de alguns aspectos que envolvem a construção teórica do complexo de

Édipo. Passaremos agora a essa discussão, dando um pequeno salto no tempo, já que é na década de 20 que Freud vai se dedicar mais rigorosamente a explorar as vicissitudes da vivência edípica, dispensando maior interesse às diferenças nos processos de sexuação do menino e da menina.

2.2) Masculino e Feminino: de 1923 a 1933

Em 1923, como vimos no primeiro capítulo, Freud inclui a fase fálica na organização sexual infantil. Neste trabalho, intitulado *A Organização Genital Infantil*, ele assegura o predomínio, já na infância, dos genitais como foco de interesse privilegiado da vida erótica. Não são os dois genitais, o do menino e o da menina, que são levados em consideração, e sim apenas o órgão masculino, ao qual Freud se refere, a partir desse momento, pelo termo falo. Com o postulado da fase fálica, vemos afirmar-se uma outra polaridade fundamental para a abordagem do tema: a antítese fálico \ castrado. Trata-se de um viés teórico que toma seu verdadeiro valor na teoria agora, em 1923, quando há a formalização do conceito de falo, mas que já está presente no texto de Freud muito anteriormente.

Em um artigo de 1908, intitulado *Sobre as teorias sexuais das crianças*, Freud, investigando mais especificamente, o desenvolvimento psico-sexual de meninos, observa que uma das teorias inventadas na infância consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis.

“O alto valor que o menino lhe concede (ao pênis) reflete-se naturalmente em sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja desprovida deste constituinte essencial”. (Freud, 1989 [1908]: 219).

Ao descobrir a ausência de pênis na mulher o menino escamoteia tal fato dizendo para si mesmo: “o dela ainda é pequeno,

mas aumentará quando ela crescer”(Freud, 1989 [1908]: 219). Seguindo, Freud afirma que: “Seu preconceito já é suficientemente forte para falsear sua percepção” (ibid, 219). Nesse texto aparece uma noção importante no que diz respeito à teoria da diferença dos sexos: a de que, nas teorias sexuais infantis, o sexo feminino não é descoberto como tal, mas como um a-menos, inferido do masculino. Aqui também é apresentado com mais rigor um fato fundamental no desenrolar da sexualidade tanto masculina como feminina: a importância da descoberta da diferença anatômica, que vai significar, para ambos os sexos, a entrada no complexo de castração.

Voltando a 1923, ressaltamos que Freud, ao incluir a fase fálica no desenvolvimento infantil, introduz uma nova expressão para nomear o órgão sexual masculino: o termo falo. Isso, a nosso ver, sugere a preocupação freudiana em marcar uma diferença entre o significado do conceito de falo e o pênis real. Se recorrermos ao contexto em que esse novo termo é introduzido, veremos que falo designa a representação psíquica de um único órgão sexual que pode estar presente ou ausente. Vejamos o comentário de Safouan a esse respeito:

“O falo, esclarece Freud, não quer dizer o pênis, a menos que falemos de um pênis que teria esse traço particular de não admitir vagina.”
(Safouan, 1977:11)

Safouan assinala o caráter simbólico do conceito de falo. De fato, é inegável a conotação de valor implícita na idéia da primazia fálica, já presente no texto de 1908. Agora, em 1923, Freud nos dá

maiores indícios para essa interpretação. Ao descrever o desenvolvimento do complexo de castração no menino, ele reafirma que a aceitação da ausência do falo na menina não se dá de forma imediata, e acrescenta que quando, finalmente, as crianças do sexo masculino concebem a idéia de que alguém não tem o pênis, e não o terá no futuro, essa concepção não é generalizada. Para a criança apenas mulheres desprezíveis são castradas, “mulheres a quem ela respeita, como sua mãe, retêm o pênis por longo tempo. Para ela ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis”(Freud, 1989 [1923]:183).

Não é difícil concluir que, no universo infantil, ter ou não o falo representa mais que a presença ou ausência do órgão peniano em si. O falo, em sua presença, conota uma importância a seu detentor referida ao envaidecimento narcísico; funciona como símbolo do narcisismo infantil. O mundo infantil na fase fálica se divide, assim, entre um grupo de pessoas fortes e valorizadas, possuidoras do falo, e um outro formado por seres inferiorizados, de pouco prestígio, portadores da marca da castração. Vemos afirmar-se a idéia de que, para a criança, não se inscreve uma diferença entre o sexo próprio do homem e outro, próprio da mulher. O que comanda as teorias das crianças a respeito da diferença sexual é a divisão entre fálico e castrado, estando tal divisão definida em termos de ausência ou presença deste símbolo valorizado que é o falo.

Verificamos, porém, em contrapartida, que Freud, ao longo de seu desenvolvimento teórico, muitas vezes utiliza falo e pênis como

sinônimos, já que o fato real da descoberta da diferença anatômica é aquilo que propulsiona a entrada das crianças nessa ordem de significação fálica. As experiências vividas antes disso, segundo a articulação teórica freudiana, não são suficientes para proporcionar o contato com a castração. Uma distinção mais rigorosa entre esses termos e seus possíveis significados vai ser determinada pelo ensino de Lacan. Não poderíamos deixar, porém, de ressaltar, na doutrina freudiana, o caráter simbólico presente em torno do conceito de falo, conceito esse que norteia todo o processo de constituição sexual das crianças.

Em 1924, Freud escreve *A dissolução do Complexo de Édipo*, onde localiza a fase fálica como contemporânea ao complexo de Édipo nos meninos. O complexo de Édipo, fenômeno de importância central no período sexual da primeira infância, Freud o apresenta sob a forma de uma história. Consiste, de maneira simplificada, no fato de a criança do sexo masculino experimentar, por ocasião da fase fálica, desejos sexuais com relação à mãe, sendo o pai percebido como um rival. Isto transcorre até que a criança seja obrigada a abrir mão de suas expectativas amorosas, em decorrência do medo da castração. O menino teme que lhe seja tirado o pênis, tão valioso em sua economia psíquica, e motivo de tanto orgulho.

Para evitar o fim trágico, a mãe é abandonada como objeto de desejo sexual, e o complexo destruído. O lugar do investimento amoroso vai ser ocupado por uma identificação com a mãe ou com o pai. A segunda possibilidade, Freud a considera o caminho normal para a sexualidade masculina. O menino se identifica com os traços de masculinidade do pai e manterá, no futuro, uma escolha amorosa

heterossexual. Quanto ao desencadeador de um sentimento de medo tão forte diante da castração, Freud volta a afirmar que é o contato com o sexo feminino o verdadeiro responsável. O menino, em quem a fase fálica coincide com o enamoramento edípico, sofre, por essa ocasião, ameaças vindas de fora, sob forma de recriminações à masturbação. Tais ameaças, entretanto, não são suficientes.

“... o menino não acredita na ameaça ou não a obedece, absolutamente (...) somente quando uma nova experiência lhe surge no caminho que a criança começa a avaliar a possibilidade de ser castrada (...) A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos”. (Freud, 1989 [1924]: 219-220).

É importante ressaltar que encontramos, a essa altura da investigação freudiana, a articulação conceitual do complexo de Édipo com o complexo de castração definitivamente delineada. Porém, Freud só apresentou, até agora, o desenrolar desses acontecimentos, bem como suas conseqüências, a partir do que acontece com meninos. Já terminando sua exposição, em 1924, ele coloca a seguinte questão: “como se realiza o desenvolvimento correspondente nas meninas?” Esta indagação marca o início de um período em que a especificidade da sexualidade feminina será tomada sob exame com maior interesse. Freud vai afirmar, ainda no texto de 1924, que também as meninas desenvolvem um complexo de castração, e estão sob uma organização fálica da sexualidade. O complexo de castração se estrutura nelas, assim como no caso dos meninos, a partir da descoberta da diferença

anatômica. A menina se sente inferior e injustiçada ao comparar seu órgão sexual com o do menino, mas não estende essa castração, segundo as linhas da fase fálica, às mulheres adultas. O seu infortúnio pessoal, entretanto, a menina percebe de imediato, e acredita já ter possuído um pênis em alguma época anterior, que foi perdido por castração.

“ Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência.”
(Freud, 1989 [1924]:223)

Ao concluir essa dessemelhança no destino de meninos e meninas frente à castração, Freud fará uma afirmativa que logo será retificada: “ O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador de pênis” (Freud, 1989 [1924]:223). A menina tolera a renúncia ao pênis sob a compensação de receber um filho do pai. Esse objetivo consolida a entrada da menina no complexo de Édipo, que só será abandonado lentamente em consequência da frustração do desejo de ser mãe, e pelo medo da perda do amor dos pais. Dessa forma, o complexo de Édipo da menina não é dissolvido de forma tão categórica como acontece com o menino. Por ausência do medo da castração, que já está consumada, Freud levanta problemas para a interrupção da organização genital infantil e para a formação de um superego nas meninas, questões às quais ele se dedicará mais tarde. Estão aqui, porém, já traçadas, as linhas condutoras para a construção freudiana de uma teoria específica sobre a sexualidade feminina.

Em 1925, Freud escreve o artigo *Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, onde retoma o caminho teórico para a compreensão do complexo de Édipo feminino, já comentado no parágrafo anterior. Esse texto traz, porém, um novo viés para o entendimento de tal fenômeno. Freud se dá conta de que há, no caminho da menina, um complicador a mais no que se refere a seu processo de sexuação. Como condição de acesso à feminilidade a menina precisa, além de efetuar uma troca de zona erógena, do clitóris para a vagina, abrir mão também de seu primeiro objeto de amor. O enamoramento edípico se apresenta, então, como um laço amoroso secundário. Freud assinala, a partir daí, a fase pré-edípica como fundamental para a compreensão do desenvolvimento psico-sexual das mulheres, e reformula sua posição sobre a maior simplicidade do processo edípico feminino.

A teorização freudiana, nesse momento, introduz uma diferença essencial existente entre meninos e meninas, que se dá a partir do tipo de relação do complexo de Édipo com o complexo de castração.

“Enquanto nos meninos o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido pelo complexo de castração”. (Freud, 1989 [1925]: 318).

Serge André observa que a grande importância desse texto de 1925 foi estabelecer a existência de uma fase pré-edípica feminina, introduzindo, assim, uma dissimetria radical entre os sexos. André

assinala que essa modificação no rumo da investigação freudiana traz um enorme ganho para a teoria da diferença sexual, colocando-a mais em conformidade com a concepção freudiana mais ampla sobre a sexualidade. Nos *Três Ensaios*, ao examinar o caso dos invertidos, Freud havia apontado o fato de não haver, na espécie humana, uma atração recíproca e natural entre sexos opostos, estando a sexualidade humana no registro da construção. Porém, ao supor a existência de uma vivência edípica que se daria simetricamente, do menino com relação à mãe e da menina para com o pai, Freud mantinha uma sugestão oposta, indicando uma certa reciprocidade na esfera das relações humanas.

“É-lhe necessário, por conseguinte, reconsiderar fundamentalmente sua teoria do complexo de Édipo introduzindo nela, entre o menino e menina, uma dissimetria essencial.” (André, 1991:171)

Tendo sublinhado o caráter revolucionário que subjaz à afirmação dessa dissimetria, assinalamos que, a partir disso, a sexualidade feminina ganha, cada vez mais, na teoria, um caráter enigmático e obscuro por remeter Freud ao terreno até então não explorado do pré-Édipo feminino. Isso o levará a dedicar a esse tema um interesse crescente daí para frente; é assim que ele vai destinar dois trabalhos, no início da década de 30, a discutir o desenvolvimento da feminilidade.

Antes, porém, de entrarmos no primeiro texto escrito especificamente sobre a sexualidade feminina, de 1931, faremos uma regressão no tempo, destacando as contribuições de um trabalho de 1923: *O Ego e o Id*. Freud vai discutir, no texto de 1931, as

possibilidades identificatórias que se apresentam à menina no final do Édipo, o que, a nosso ver, será melhor apreciado se resgatarmos, antes, as considerações mais detalhadas sobre a vivência edípica, que Freud estabelece em *O Ego e o Id*. Essas considerações, devido ao momento da investigação freudiana, direcionam-se mais à sexuação de meninos.

Na parte três de *O Ego e o Id*, Freud está preocupado em descrever o processo de formação do superego, que se impõe como herdeiro do complexo de Édipo. Desse modo, toma sob exame a própria teoria do complexo de Édipo, e assinala sua relação com um outro postulado de base da psicanálise: a bissexualidade constitucional de todos os seres humanos. Ele nos diz que a história edípica que consiste, no caso do menino, em tomar a mãe como objeto de amor e apenas o pai como objeto de uma relação ambivalente, constitui o conteúdo simples e positivo do complexo de Édipo. Há também, no entanto, o que Freud chama de conteúdo negativo, que diz respeito à relação afetiva do menino em relação ao pai e à hostilidade para com a mãe. Assim, a ambivalência está presente na relação da criança com ambas as figuras parentais.

“...fica-se com a impressão de que de modo algum o complexo de Édipo simples é a sua forma mais comum, mas representa antes uma simplificação ou esquematização que é, sem dúvida, freqüentemente justificada para fins práticos.” (Freud, 1989 [1923]:47)

Assim, se a bissexualidade originalmente presente na criança é responsável por um duplice desenvolvimento do complexo de Édipo,

haverá também, em termos de possibilidade, mais de uma saída para essa fase da organização sexual infantil. Aliás, considerando o próprio conteúdo positivo do complexo de Édipo, essa incerteza quanto ao desfecho da vivência edípica já se faz presente. O que é esperado para um menino é que no lugar do investimento amoroso na mãe apareça uma intensificação de sua identificação com o pai, que “consolidaria a masculinidade no caráter de um menino” (ibid:47). Porém, uma identificação com a mãe pode tomar o lugar da ligação amorosa, o que figuraria um outro caminho para a sexualidade de um menino. Freud ressalta, então, uma ausência de determinação da sexualidade de homens e mulheres.

“É este elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente (...) Na dissolução do complexo de Édipo as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna.” (Freud, 1989 [1923]:48)

Não podemos deixar de assinalar que essa vertente da teorização freudiana se afasta de uma concepção naturalista da diferença sexual, privilegiando a construção da sexualidade a partir das identificações, ou seja, a partir dos remanescentes da relação que cada indivíduo mantém, desde seu nascimento, de forma singular, com aqueles que o cercam. Vemos, então, que a construção teórica do complexo de Édipo, portanto, não está, necessariamente, ligada à vertente freudiana que propõe um destino esperado e normal

para a sexualidade, pois o Édipo assegura diferentes caminhos e possibilidades para a sexuação. Porém, a teoria do complexo de Édipo serve, muitas vezes, à pretensão freudiana de diferenciar, naturalmente, homens e mulheres, na medida em que Freud trabalha a passagem pelo processo edípico, quase sempre, tendo como expectativa respostas diferenciadas por parte do homem e da mulher, apoiadas nas características biológicas de ambos os sexos. Essa oscilação de pressupostos teóricos, que cerca a teoria do complexo de Édipo, verifica-se, igualmente, quando Freud vai analisar o que acontece com as meninas.

Em 1931, no texto intitulado *Sexualidade Feminina*, Freud examina detalhadamente o processo feminino de sexuação. A importância da fase pré-edípica é acentuada, servindo, esta, de protótipo à vivência edípica. São as seguintes as palavras de Freud: “a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe” (Freud, 1989 [1931]:261-262). Da mesma forma, ele chama a atenção para o longo tempo de duração desta fase, o que a torna muito mais essencial para a compreensão da sexualidade de mulheres do que de homens.

Freud lembra que para uma menina, a entrada no complexo de Édipo propriamente dito se dá tardiamente, “é o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado” (ibid:264). Ao se perguntar o que faz com que a menina renuncie ao seu primeiro objeto de amor, Freud levanta uma série de motivos fantasiosos que a impulsionam nessa direção: a mãe não a amamentou o suficiente;

obrigou a criança a partilhar sua atenção com outras pessoas; despertou sua sexualidade através dos cuidados corporais e depois a proibiu; e, finalmente, não lhe concedeu o órgão sexual adequado. Este último motivo é, para Freud, o mais importante de todos, e é o único a ser compartilhado apenas por crianças do sexo feminino.

“Seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher.” (Freud, 1989 [1931]:168)

O abandono da mãe como objeto de amor está, dessa forma, estreitamente associado ao descontentamento experimentado pelas meninas frente à descoberta da diferença anatômica. A esse desagradável contato com a castração, a menina poderia responder de três maneiras diferentes. A primeira posição possível seria o abandono da sexualidade, onde se localizaria a frigidez e a histeria na mulher. Uma outra alternativa se apresenta sob forma de recusa à condição de castrada. Seria uma saída pelo lado da masculinidade, que permaneceria mantida, podendo fazer emergir um tipo de escolha homossexual manifesta. Por fim, o terceiro caminho seria o que levaria a menina ao Édipo, quando o pai é tomado como objeto de amor. Essa terceira via é a que conduziria a menina à feminilidade, ou, nas palavras de Freud, à “atitude feminina normal final” (Freud, 1989 [1931]: 264)

A exemplo das contribuições trazidas por *O Ego e o Id*, também em 1931 o processo identificatório é colocado como central

no desenrolar da sexualidade, oferecendo várias possíveis conformações. Entretanto, por outro lado, Freud caracteriza como normal uma única saída para a mulher, que consistiria em uma escolha de objeto do tipo heterossexual, no desejo de ter um filho como a grande realização feminina, e na preponderância da busca de satisfação pulsional por fins passivos. Notamos que a intenção freudiana em assinalar um “normal” para o desfecho edípico encontra-se entrelaçada à orientação naturalista de seu pensamento. Freud já havia considerado a existência de uma tendência inata à passividade na mulher, agora ele afirma : “A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas” (Freud, 1989 [1931]: 275). Ainda no texto de 1931, encontramos um trecho especialmente representativo da vertente naturalista da teorização freudiana. Com relação às forças libidinais que atuam, na infância, da mesma forma em ambos os sexos, Freud observa:

“Subseqüentemente, fatores biológicos desviam essas forças libidinais [no caso da menina] de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo sentido, masculinas, para canais femininos”. (Freud, 1989 [1931]: 275).

Essas palavras não deixam dúvidas quanto ao respaldo que tem a teoria freudiana em pressupostos biológicos, portanto naturais. Porém, seguindo um pouco mais os passos de Freud, nos deparamos com um outro trabalho, referente ao mesmo tema, no qual se reflete a outra face de suas formulações acerca da diferença sexual, marcada pela afirmação da bissexualidade e de pressupostos

construtivistas. Em 1933, Freud escreve as *Novas conferências introdutórias*, e dedica uma delas à *Feminilidade*. Este texto é, principalmente, uma condensação das descobertas freudianas acerca da sexualidade feminina e, concomitantemente, da diferença sexual. Chama-nos a atenção o fato de Freud iniciar suas considerações reafirmando, e enfatizando, aquilo que já fora anunciado há vinte e sete anos nos *Três Ensaio*s: a imprecisão com que a psicanálise trata os conceitos de masculino e feminino.

Freud questiona suas construções teóricas sobre a diferença sexual até o momento, acentuando a dificuldade encontrada para definir a especificidade do masculino e do feminino, e começa por destacar tal imprecisão no nível da composição biológica dos seres humanos. Freud observa que no âmbito da biologia atividade e passividade são manifestações atribuídas, respectivamente, a masculino e feminino; porém, nem mesmo a ciência anatômica teria como separar precisamente a feminilidade e a masculinidade puras, “é como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos”. (Freud, 1989 [1933]: 141). Ele assinala, então, que esta bissexualidade foi transferida para a esfera psíquica, não tendo, a psicanálise, trazido novidade alguma a esse campo. A superposição de ativo e passivo a masculino e feminino, utilizada no campo psicanalítico, não estaria construindo uma significação nova, mas apenas deslocando para a vida mental concepções oriundas das pesquisas biológicas.

A concepção freudiana nesse momento é de que a psicanálise reproduziu um erro, pois se mesmo na esfera da biologia não

podemos definir puramente o masculino e o feminino, o que diremos a respeito da vida psíquica, e suas múltiplas configurações? Assim, Freud coloca em questão a abordagem da diferença sexual através do par de opostos ativo / passivo, ao qual ele tantas vezes recorreu para esse fim. Para ilustrarmos esse questionamento, destacamos de seu texto:

“Até mesmo na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão como é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino com passividade. (...) Quanto mais se afastarem da estreita esfera sexual⁸, mais óbvio se lhes tornará o ‘erro de superposição’. As mulheres podem demonstrar grande atividade, em diversos sentidos; os homens não conseguem viver em companhia dos de sua própria espécie a menos que desenvolvam uma grande dose de adaptabilidade passiva.” (Freud, 1989 [1933]: 142-143)

Freud prossegue observando que tal característica da vida humana, concernente a homens e mulheres, não aponta, ao contrário do que se podia pensar, para a afirmação da teoria da bissexualidade. Devemos, contudo, entender que esse descontentamento de Freud com relação à teoria da bissexualidade diz respeito mais exatamente à possibilidade de definir a especificidade do masculino e do feminino. Vejamos a continuação da citação acima:

⁸ Com essa expressão, “estreita esfera sexual”, Freud está se referindo ao ato sexual em si, onde o homem, comumente desempenharia o papel ativo, relativo ao ato de penetrar, e a mulher o papel passivo, referente a ser penetrada.

“Se agora os senhores me disserem que esses fatos provam justamente que tanto os homens como as mulheres são bissexuais, no sentido psicológico, concluirei que decidiram, na sua mente, fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’. Mas advirto-os que não o façam. Parece-me que não serve a nenhum propósito útil e nada acrescenta aos nossos conhecimentos.”(Freud, 1989 [1933]: 143)

Percebemos claramente que o questionamento de Freud se dirige, não à idéia de uma bissexualidade inerente a todo ser humano, mas à superposição das polaridades ativo / passivo e masculino / feminino. A possibilidade de um mesmo sujeito, homem ou mulher, combinar, psiquicamente, formas diferentes de satisfação pulsional, ou de atitudes com relação ao meio, não é rechaçada por Freud; ao contrário, é sublinhada por ele, conforme vimos no primeiro trecho citado desta conferência de 1933. O que, a nosso ver, Freud põe em dúvida é a capacidade que a psicanálise teria para distinguir de forma nítida o homem e a mulher, valendo-se, para isso, de características e qualidades determinadas naturalmente. Assim, a polaridade ativo / passivo é trazida, com essa reflexão, especialmente para o âmbito da satisfação pulsional, constituindo uma linha teórica diferenciada daquela que vai ao encontro de uma naturalização da diferença entre homens e mulheres. Vejamos o que diz a esse respeito Serge André:

“...a oposição atividade - passividade é colocada aí como uma dualidade que o termo ‘bissexualidade’ recobre. Quando Freud utiliza essa palavra não visa uma divisão dos sexos, uma oposição masculino - feminino. Ele designa uma polaridade que assume o *lugar da diferença entre os sexos*.”
(André, 1991:19)

Não podemos afirmar que Freud desconsidera a intenção de construir uma teoria que opere uma divisão entre os sexos, mas destacamos a preocupação de André em salientar as indicações freudianas que se opõem à solidificação de uma proposta naturalista para a compreensão da diferença sexual.

Voltando à conferência sobre a feminilidade, de 1933, encontramos um trecho em que Freud retoma sua teoria sobre a mudança de zona erógena, que deve ser efetuada pela mulher no decurso de seu processo de sexuação, desta vez relativizando-a. Ele vai somar a seus postulados anteriores, o reconhecimento de que fatores socio-culturais intervêm nesse percurso. Vejamos a seguinte citação:

“Talvez seja o caso de que numa mulher, com base na sua participação na função sexual, a preferência pelo comportamento passivo e por fins passivos se estenda à sua vida, em grau maior ou menor, proporcionalmente aos limites restritos ou amplos, dentro dos quais sua vida sexual serve, assim, de modelo. **Devemos, contudo, nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influencia dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva**”. (Freud, 1989 [1933]: 143. Grifos nossos).

Notemos que ao ressaltar os costumes sociais como possíveis determinantes da assunção de um ou outro tipo de sexualidade, Freud ameniza o papel que os impulsos da natureza exercem nesse processo, e valoriza o processo identificatório. Se privilegiarmos esse viés do pensamento de Freud, onde notamos que a diferença sexual é produto de uma construção, questionamos as afirmações de Freud que postulam um “normal” para o desenrolar da sexualidade, pois

percebemos, pelas considerações freudianas nesse trabalho de 1933, que a diferença sexual escapa à conceitualização, mostrando-se uma questão de difícil definição no âmbito humano.

Agora, por fim, se nos perguntarmos qual o papel da anatomia no desenvolvimento da sexualidade, somos levados a concluir que a disposição anatômica tem importância especial na teoria psicanalítica freudiana. Em primeiro lugar, notamos que é em função da diferença anatômica que Freud elabora sua teoria, a partir da qual o complexo de castração é essencialmente necessário ao desenvolvimento psico-sexual de meninos e meninas. Funciona, assim, a descoberta da diferença anatômica, como fator desencadeador de todo o processo de sexuação, envolvendo aí a questão do tipo de escolha objetal e da forma privilegiada de satisfação pulsional que será consolidada em cada sujeito.

Além disso, vemos que em torno da anatomia fica demonstrada, de forma concisa, a dupla orientação freudiana que tentamos apontar nesse capítulo. Assim como Freud enfatiza a construção da sexualidade por meio das identificações, apontando a ausência de uma normatividade nesta área, por outro lado, percebemos, algumas vezes, a preponderância da anatomia num outro sentido, não como fator desencadeador de um processo, mas como um destino. Freud, literalmente, faz tal afirmação em 1924, em *A Dissolução do Complexo de Édipo*: “A anatomia é o destino!”. De fato, a vertente teórica em que Freud privilegia a existência de uma ordem natural diferenciando homens e mulheres serve de suporte para tal afirmação. Porém, podemos dizer, baseados nas próprias formulações freudianas, que se o sexo anatômico aponta um destino possível, este não é o único, já que pensar a anatomia como o destino não representa a

totalidade do pensamento de Freud. Encontramos um comentário de Sílvia Alexim Nunes, em sua tese de doutorado sobre a sexualidade feminina, onde se reflete, sinteticamente, o próprio paradoxo freudiano frente ao tema da diferença sexual.

“Colocando três alternativas para o desfecho do complexo de castração feminino, Freud certamente demonstra o quanto esse percurso nada tem de natural ou de dependente da anatomia. No entanto permanece sustentando que existe um percurso normal para a mulher que deve culminar com a maternidade, sendo os demais patológicos.” (Nunes, 1996:224)

Finalizando esse capítulo, queremos sublinhar a multiplicidade de vertentes teóricas que compõem a obra freudiana. O texto de Freud mantém-se aberto, proporcionando uma inesgotável e variada releitura. Nesse sentido, daremos continuidade a essa dissertação, trazendo à discussão as contribuições de dois autores pós-freudianos, que se dedicaram, através de caminhos distintos, ao tema da diferença sexual: Stoller e Lacan. É nosso objetivo apresentar a base teórica construída por cada um deles, para, posteriormente, buscar seus pontos de aproximação e discordância, tentando viabilizar um debate entre os dois autores.

PARTE II

DESDOBRAMENTOS DO TEXTO FREUDIANO

CAPÍTULO 3

A CONTRIBUIÇÃO DE JAQUES LACAN À DIFERENÇA SEXUAL

*“A linguagem é o meu esforço humano.
Por destino tenho que buscar,
E por destino volto com as mãos vazias.”⁹*

Antes de abordarmos, propriamente, a diferença sexual no ensino de Jaques Lacan, acreditamos ser necessário destacar um ponto central, no qual se apoia toda a sua teoria: a ênfase na falta de objeto. Lacan inicia sua produção teórica dialogando com os autores da psicologia do ego e da relação objetal que, seguindo indicações freudianas, deram continuidade à psicanálise acentuando seu viés desenvolvimentista. Eles asseguraram, dessa forma, a existência de um objeto genital, apropriado à realização da sexualidade na idade adulta. Podemos dizer que a proposta lacaniana se constrói em

⁹ Trecho do livro *A Paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector.

resposta a tal postulado, e, assim, a ausência de uma sutura entre o sujeito e seu objeto pulsional, teorizada por Freud, serve de tônica para todo o desdobramento que a teoria psicanalítica sofre através do tratamento lacaniano. Lacan focaliza o trecho freudiano dos *Três Ensaio*s, onde Freud diz que todo encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro e interpreta, a partir daí, que o objeto para a satisfação pulsional é um objeto perdido desde sempre, nunca experienciado pelo sujeito. Isso é precisamente afirmado no *Relação de Objeto*, quarto seminário de Lacan, onde ele observa:

“Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce o esforço de busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. (...) Existe aí uma distância fundamental, introduzida pelo elemento essencialmente conflitual incluído em toda busca de objeto. **Esta é a primeira forma sob a qual, em Freud, aparece a relação de objeto.** (Lacan, [1956-1957] 1995: 13. Grifos nossos)

Notemos que, na leitura feita por Lacan do texto freudiano, a relação de objeto é algo que se dá sempre, e exclusivamente, a partir de uma falta fundamental. Dentro dessa perspectiva, observa Lacan, não seria nem mesmo apropriado falar em relação de objeto, e sim em relação com a falta de objeto, pois nossa relação com um objeto nunca deixa de ser dissimétrica. Lacan enfatiza que sempre

nos relacionamos com nossas próprias fantasias, que revestem o objeto investido, e não com o objeto em si. Isso aponta para a “tensão fundamental”, à qual ele se referiu no trecho citado acima, e para o fato de, em qualquer tipo de satisfação pulsional, haver sempre um relançamento do investimento, revelador da impossibilidade de um encontro pleno.

A idéia de objeto genital, ou da genitalidade, como fase final da sexualidade é ferozmente criticada por Lacan, que não reconhece em Freud tal assertiva. Lacan desconsidera os pressupostos desenvolvimentistas de Freud, dando à psicanálise uma leitura estrutural. O que vai vigorar para a compreensão das vicissitudes da construção psico-sexual é sempre o posicionamento do sujeito em relação com a alteridade, não sendo relevante estabelecer uma teoria do desenvolvimento a partir de fases e tendências inatas. Com isso, mais precisamente, Lacan produz uma teoria que visa operar um corte entre natureza e cultura, localizando o humano numa ordem distinta, totalmente diferenciada daquela que impera para os animais. Assim, vejamos o seu pronunciamento a respeito do objeto reencontrado, que Freud menciona nos *Três Ensaios*:

“Não se trata, em absoluto, do objeto considerado na teoria moderna como o objeto plenamente satisfatório, o objeto típico, o objeto por excelência, o objeto harmonioso, o objeto que funda o homem numa realidade adequada, na realidade que prova a maturidade - o famoso objeto genital. (...) Freud nos indica que o objeto é apreendido pela via de uma busca do objeto perdido.”(Lacan, [1956-1957] 1995: 13)

Lacan, de fato, não poderia acatar a existência de uma fase genital para a sexualidade, pois compreende esta fase como um estágio final, onde a sexualidade, no encontro harmonioso com o objeto, alcança a normalidade, estágio esse elaborado com apoio na maturação biológica.¹⁰ Para Lacan, a sexualidade infantil descoberta por Freud não diz respeito exatamente à existência de manifestações sexuais na vida das crianças, ou seja, o infantil não designa a idade da sexualidade, uma fase do desenvolvimento; designa, antes de tudo, a peculiaridade da sexualidade humana. Não há, assim, um estágio final para o sexual, onde o infantilismo é ultrapassado. É típico da sexualidade ser infantil, já que, para sempre e desde sempre, o encontro com o objeto da pulsão é insatisfatório e incompleto, sendo entremeado pela fantasia. Esse olhar lacaniano para a questão da sexualidade vai ter, obviamente, repercussões nas elaborações do autor sobre a diferença sexual, e ressaltá-lo nos ajuda a compreender os caminhos construídos por Lacan para a abordagem do tema. A sexualidade, dentro desse contexto, se mantém no regime fálico, e a possibilidade de diferenciar os sexos aparece articulada ao falo.

Contamos com dois principais critérios para a abordagem da diferença sexual na obra lacaniana que, segundo nosso ponto de vista, não necessariamente se entrecruzam. Lacan postula uma

¹⁰ É importante assinalar que, ao criticar a genitalidade como postulado psicanalítico, Lacan se dirige, quase sempre, à psicologia do ego e aos teóricos da relação objetal como um todo, sem levar em consideração as distinções existentes entre os diversos autores que integram essas duas correntes. Apontamos que nem todos esses autores utilizam a idéia de relação genital como um estágio acabado da sexualidade, viabilizado pela maturação do objetivo pulsional. Balint, por exemplo refere-se à genitalidade como um padrão de relacionamento, que é construído a partir da relação com o outro, e que não indica plena harmonia. A esse respeito, remetemos o leitor ao texto *Sobre o amor genital* (Balint, 1959[1947])

diferença entre duas posições com relação ao falo, uma masculina e outra feminina, que se superpõem, respectivamente, à oposição sujeito \ objeto na esfera da fantasia sexual. Ele articula também à diferença sexual, a distinção entre duas formas de participação no regime fálico, uma *toda* e outra *não-toda*, que designariam o masculino e o feminino. Vamos, no decorrer desse capítulo, resgatar essas duas proposições, tentando abordá-las separadamente. Sustentamos a hipótese de que a oposição entre o *todo* e o *não-todo* ultrapassa a discussão da diferença entre os sexos, e pode se remeter a outras questões dentro da psicanálise, como por exemplo, o fim de análise.

Vimos que na proposta freudiana para o estudo da diferença sexual verifica-se uma oscilação entre duas vertentes, uma construtivista e outra naturalista, estando essa última apoiada nos pressupostos biológicos que participam da compreensão de Freud acerca da sexualidade. O texto lacaniano, a princípio, oferece uma saída para o paradoxo freudiano, uma vez que, para Lacan, a sexualidade humana se caracteriza por um total distanciamento da ordem da natureza. Porém, a teoria lacaniana, através de um outro referencial, comporta também um caráter inconclusivo em torno do tema da diferença dos sexos. Especialmente quando a discussão da diferença envolve a posição *não-toda* fálica, encontramos indicações de que o feminino seria próprio à mulher biológica. Nesse caso, a anatomia não está figurando uma determinação biológica, mas aponta, assim mesmo, para a idéia de destino, tendo como sustentáculo conjecturas estruturalistas, e não naturalistas.

Devemos assinalar, entretanto, que a obra de Lacan, em seu conjunto, proporciona instrumentais teóricos que auxiliam a abordagem da diferença sexual especialmente sob o viés da construção. Tentaremos, então, valorizar no pensamento do autor os desdobramentos que nos permitem entender mais facilmente a diferença sexual fora de domínios previamente determinados, o que, a nosso ver, é mais compatível com a idéia de sexualidade proposta pela psicanálise, a partir da invenção freudiana. Utilizaremos, para esse propósito, principalmente, os autores de orientação teórica lacaniana, que vêm se dedicando ao estudo da diferença sexual, já que esse tema foi amplamente debatido no campo lacaniano.

3.1) O Falo Como Significante

*“...Como poderia eu dizer,
sem que as palavras mentissem por mim?”¹¹*

Antes de chegar à discussão mais precisa acerca da distinção entre os sexos, mostra-se necessária uma exposição que concerne à interpretação lacaniana de alguns conceitos freudianos, básica para a compreensão da questão. Trata-se dos conceitos de falo e castração, que, redimensionados, implicam uma reformulação do complexo de Édipo.

Em a *Significação do falo*, texto dos *Escritos*, de 1966, Lacan escreve:

¹¹ Trecho do livro *A Paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector.

“O falo é esclarecido aqui em sua função. O falo na doutrina freudiana não é uma fantasia, se cumpre entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau, etc.) no que esse termo tende a apreciar a realidade interessada numa relação. Ele é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza”. (Lacan, [1966] 1992: 267).

Na interpretação lacaniana, fica claro que o falo não mais se confunde, necessariamente, com o pênis. Destaca-se dele e vai encerrar a conotação de significante. Significante, por definição, é uma representação que designa algo que está ausente. Se o conceito de falo, conforme assinalamos no capítulo precedente, já encerrava na doutrina freudiana um caráter simbólico, em Lacan isso toma uma proporção essencial, já que é no registro do simbólico, principalmente, que o falo deve ser considerado, ocupando aí um lugar primordial na teoria da construção do sujeito. O falo é o significante que instaura a entrada na linguagem, dando um sentido à relação do sujeito com o Outro, entendido aqui, esse outro com letra maiúscula, como alteridade radical que pode se encarnar num semelhante. Philippe Julien aponta que “o falo é *no* Outro, a significação *do* desejo do Outro”(Julien, 1996: 124), e que é só a partir do desejo do Outro, inicialmente a mãe, que um sujeito pode ter acesso a seu próprio desejo. Mais ainda, é apenas em decorrência da inscrição significante que há o nascimento do sujeito. Ainda seguindo Julien,

“Se a falta na mãe tem como razão o falo, a vida não é louca; tem um móbil imaginário para a criança: encontrar um lugar, sendo o falo imaginário para a mãe.”(Julien, 1996:124)

Este trecho escrito por Julien ressalta, especialmente, o caráter organizador do falo para a subjetivação, operando como significante primordial que instala um padrão comum de valor, permitindo, assim, a relação do sujeito com o Outro, relação que será sempre permeada pelo significante. Entretanto, vale ressaltar que o sentido inicial instaurado pelo falo não carrega consigo um conteúdo determinado, apenas dá alguma razão à vida, propiciando puramente a possibilidade de simbolização. Vai ser no bojo das relações de cada sujeito com o Outro que esse sentido vai se construir de forma singular. Deparamo-nos, assim, com mais uma característica do funcionamento do significante: o fato de este não trazer em si significação alguma, estando esta dependente da articulação entre dois ou mais significantes, o que desencadeia sempre um significado contingente. Entenderemos melhor essa concepção do conceito de falo evocando-o a partir da construção teórica de Lacan para o complexo de Édipo.

O Édipo em Lacan passa a ser entendido como uma estrutura. É uma estrutura organizada e caracterizada por posições ou lugares vagos que podem ser ocupados por personagens distintos. Tais lugares, como em toda estrutura, não se definem por si mesmos, mas por estarem em relação um com o outro. O pai é tal em relação a alguém que é filho e vice-versa. Dentro dessa estrutura há um elemento que circula conferindo valor e definindo o lugar de cada personagem. Cada posição determina uma função e, uma vez ocupada, a pessoa que nela se encontra tomará as funções, as propriedades da mesma. Este elemento, em torno do qual a estrutura edípica se move, é o falo.

Para explicar o movimento desta estrutura, Lacan define três tempos que constituem o Édipo. Haveria um primeiro tempo onde a relação dual com a mãe rouba a cena. Há a ilusão de uma completude com a mãe. O segundo tempo consistiria no corte produzido pelo pai, é o momento de frustração para o pequeno amante, que percebe o desejo da mãe voltado também para outro lugar. No terceiro tempo se verificaria a aceitação da lei que impede a relação dual, e marca a impossibilidade de qualquer complementariedade entre seres humanos.

Tentando localizar a posição do falo em cada um desses tempos, pode-se dizer que num primeiro momento (1º tempo), conforme o que assinalou Philippe Julien acima, a mãe possui o falo, que é a criança. Depois (no 2º tempo) o pai, ou aquilo que exerça sua função, passa a ser o falo, um falo onipotente, capaz de privar a mãe que, agora, mostra-se castrada. Finalmente, no último tempo, o pai tem acesso ao falo mas não o é. O falo encontra-se fora do pai, que o pode possuir. Neste terceiro tempo, o falo é instaurado no sistema de trocas simbólicas, é tomado sob este aspecto. É dessa forma que o falo é designado como significante da falta ou do desejo, porque o falo vai estar no lugar de algo que é desejado, e que, por isso, aponta para a falta. É o desejo, então, que confere a um significante qualquer o caráter de falo, a partir da experiência da castração.

Convém lembrar que a castração, nesse contexto, seria o *não* proferido pelo pai ao desejo incestuoso, entendido aqui como o desejo de uma relação impossível. Essa lei, produto da *função* paterna e não da pessoa-física do pai, impede a plenitude almejada, mas possibilita a vida propriamente humana. Em termos de gozo, pode-se dizer que a lei barra o gozo do ser, ou gozo do Outro (aquele idealizado pelo sujeito, que poria fim à sua condição de faltoso), e abre as portas ao gozo

fálico, do significante, um gozo parcial e possível. Vale ainda ressaltar, com relação à castração, que trata-se fundamentalmente de uma impossibilidade imposta pela estrutura da linguagem, e não de uma interdição que se ergue ao sujeito num momento posterior ao seu advento.

O falo e a castração, nesta visão estrutural do Édipo, são tomados em sua dimensão simbólica. O aspecto imaginário destes conceitos é também de extrema importância para a compreensão do processo de sexuação. O sujeito, em seu movimento em busca da satisfação, constrói ilusões de que algo pode se oferecer como objeto para tamponar sua falta. Esse objeto, para o qual o seu desejo, portanto, está dirigido no momento, funciona como falo, mais especificamente como falo imaginário. O funcionamento imaginário caracteriza-se pela coagulação do significante a um determinado efeito de significação. Neste caso, o desejo se amarra a um objeto qualquer, e este objeto é valorizado como o único capaz de dar ao sujeito satisfação.

A relação entre falo e pênis pode ser entendida a partir daí. O pênis pode ser revestido do caráter de falo, mas não o é em si. É previsível que num momento em que os genitais se afirmam como principal fonte de prazer e tornam-se foco do interesse das crianças, o pênis ocupe o lugar de falo e a anatomia feminina figure a castração. O menino e a menina, ambos já imersos na ordem fálica (simbólica) de trocas e valores, chegarão à conclusão de que o pênis é melhor do que o clitóris porque é maior e deve oferecer mais prazer. Mas, segundo Gerard Pommier, o corpo aparece apenas para dar forma a uma questão que precede seu aparecimento.

“Não é absolutamente a diferença anatômica entre os sexos que dá ao falo sua prevalência, porque, por um lado, há ali alguma coisa, enquanto que, por outro lado, nada haveria ali. Falo designa inicialmente a falta (...) esse símbolo da pura diferença comanda o desejo e, por esse motivo o órgão da cópula lhe forneceu seu nome. **Entretanto, falo designa outra coisa que não o pênis. Castração não é absolutamente o resultado de uma fantasia de mutilação, e a diferença anatômica, longe de aparecer como tal, não faz mais do que trazer uma resposta contingente à questão da falta.**” (Pommier, 1987: 18. Grifos nossos)

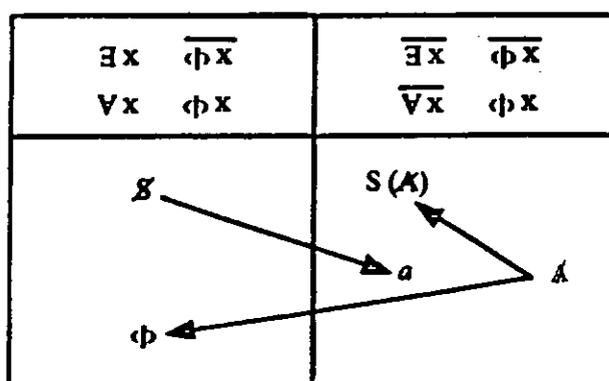
A menina, por exemplo, quando se descobre não portadora do pênis, pode experimentar um sentimento de desvalorização, mas esse sentimento fala de algo muito mais amplo; vai estar ligado, antes de tudo, à forma como ela já vem experienciando a castração em sua relação com o Outro. Notamos que Lacan, através da visada estruturalista, constrói uma teoria onde o Édipo, na forma daquela “historinha” familiar inventada por Freud, parece ter sua importância minimizada. Isso não significa que a percepção da diferença anatômica, entretanto, seja descartada como pressuposto que faz parte da sexualização humana, mas sim exprime a preocupação lacaniana em não estabelecer, a partir da anatomia, um caminho natural para a sexualidade do homem ou da mulher. Passemos, então, ao nosso próximo item, onde abordaremos a proposta de Lacan para a compreensão da diferença sexual.

3.2) As Posições do Sujeito Com Relação ao Gozo Fálico:

Possibilidades de Sexuação

*"Eu queria querer-te e amar o amor
 Construir-nos dulcíssima prisão
 E encontrar a mais justa adequação
 Tudo métrica e rima e nunca dor
 Mas a vida é real e de viés..."¹²*

O assunto da diferença sexual é discutido por Lacan a partir de proposições lógicas, articuladas a formas diferentes de gozo. Nesse sentido, ele constrói o seguinte esquema:



Na parte inferior do gráfico de sexuação, Lacan designa as posições sexuadas viáveis ao falante. O primeiro ponto a ser vislumbrado nesse esquema é a ratificação de que toda relação do sujeito com seu objeto de desejo é sempre dissimétrica, termo compreendido aqui como não complementar. Quando apresentamos, no item 3.1, o caráter significativo do falo no ensino lacaniano, mostramos que a construção do sujeito é proporcionada pela entrada na ordem simbólica, da qual o falo é o significante primordial. Agora, para compreendermos melhor a proposta de Lacan em torno

¹² Trecho da música *O Quereres*, de Caetano Veloso, do disco *Velô*

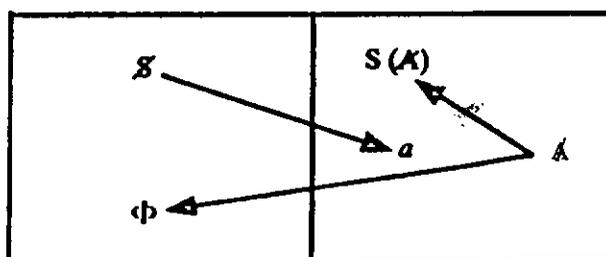
das posições sexuadas, achamos ser importante abordar a mesma operação – a construção do sujeito – pelo viés da perda do objeto a , articulação teórica que nesse momento da trajetória lacaniana, já encontra-se elaborada.

Como consequência da importância dispensada à falta de objeto, aspecto da teoria já comentado no início desse capítulo, Lacan postula que, ao ingressar no mundo das representações, o ser, agora falante, perde sua ligação com a “coisa viva”, com aquilo que designamos anteriormente como o gozo do Outro. O autor discorre a esse respeito em seu seminário XI (1964), quando nos fala da “escolha forçada” como metáfora para explicar o nascimento do sujeito. Trata-se da escolha entre a bolsa e a vida, onde a bolsa representaria o lado do ser vivo, e a vida remeteria ao campo do Outro, ou seja, da linguagem. Se o sujeito optasse pela bolsa, perderia a vida e, nesse caso, nem mesmo poderíamos falar em sujeito.

Ao escolher, por outro lado, a vida, dá-se o nascimento do ser falante a expensas de uma perda, que inaugura a condição faltosa do humano. Essa perda, Lacan define como a perda do objeto a . A hipótese de um objeto que seria perdido com o advento do sujeito, confere a tal objeto o estatuto de objeto causa do desejo. Se é o fato de não ter esse objeto, aquilo que afasta o ser falante da experiência de completude, a busca de realização será representada, dentro dessa articulação teórica, pela tentativa de encontrar o objeto a , tentativa essa fadada à frustração. Qualquer objeto encontrado para a satisfação do desejo é sempre um substituto, um representante do objeto perdido, que seria o único capaz, por inferência lógica, de suturar a falta constitucional do sujeito.

A partir dessa explanação, podemos entender o sentido do

aforisma lacaniano *Não existe relação sexual*. Relação aí, implica complementariedade, que é justamente a possibilidade que se exclui do horizonte do falante. Porém, apesar de impossível, esse encontro pleno com o objeto não deixa de ser almejado, o que nos prova que o objeto perdido, embora inalcançável, produz efeitos sobre o sujeito. Podemos compreender, assim, que o processo pelo qual a ordem fálica se impõe é concomitante à exclusão do objeto, sendo essa uma única operação, que caracteriza o humano. Dessa forma, fica explicitada a idéia de que qualquer posição viabilizada ao sujeito na esfera sexual, feminina ou masculina, será sempre referida ao falo, que como significante da falta, se interpõe em qualquer tentativa de parceria. Amarrando essa articulação teórica, Fischman e Hartmann observam que desde os primeiros seminários de Lacan, “...já então, o falo se encontrava no lugar da falta de um objeto genital maduro que estabeleceria a relação entre homens e mulheres”¹³ (Fischmann e Hartmann, 1995: 63-64. Tradução nossa). Voltemos, assim, à discussão do esquema proposto por Lacan na parte inferior do gráfico. Para tanto, vamos repeti-la:



Tomemos em análise a escrita $\♂ \rightarrow a$. A letra a esquerda da seta configura a posição masculina, e a direita temos o lugar do feminino. O que dá o estatuto de masculino a um determinado

¹³ No original: “Ya entonces el falo se encontraba en el lugar de la falta de un objeto genital maduro que establecería la relación entre hombres y mujeres.”

posicionamento sexual é a relação com o falo pelo lado do *ter*. O sujeito aí alocado se crê detentor do falo; em termos de gozo, ele goza com a ilusão de possuir o falo. Já o feminino, nessa proposição, se define pelo desejo de se colocar na posição de objeto do parceiro. A forma de gozo correspondente a esse posicionamento é relativa ao *ser*, é sendo objeto de desejo para um outro¹⁴ que o sujeito neste lugar alcança satisfação sexual. Vemos, dessa forma, que o lugar indicado pela letra *a* confunde-se aqui com o falo, como significante do desejo; situar-se como objeto na parceria sexual remete a uma identificação com o falo, com o objetivo de *ser* aquilo que tampona a falta do outro.

A partir daí, entramos numa outra discussão, necessária, especialmente, para que possamos compreender de que forma um ser falante pode ocupar a posição feminina, de objeto *a*. Uma vez estabelecida a impossibilidade de a relação sexual, de fato, existir, resta aos sujeitos a fantasia, que tenta velar a falta do objeto adequado, mascarando essa impossibilidade, que é real. Lacan apresentou a lógica da fantasia através do matema $\$ \diamond a$, demonstrando que qualquer relação entre sujeito e objeto é da ordem da fantasia. Esclarecendo a fórmula, assinalamos que *S* significa o sujeito barrado, que é a única forma de conceber o sujeito na teoria lacaniana, um sujeito que não é uno, pois sempre lhe falta algo. O objeto (*a*) é aquilo que, envolto pelas produções imaginárias, oferece a ilusão de tamponar a falta. O sinal que une as duas letras (\diamond), implica a idéia de junção e disjunção, ressaltando o efeito paradoxal do objeto na fantasia que, ao mesmo tempo, mascara e aponta a falta. Dito isso, marcamos que é nessa parceria fantasística, fundamentalmente

¹⁴ Esclarecemos que, ao mencionarmos a noção de *outro* no contexto da relação de “parceria”, permeada pela fantasia, a palavra “outro” será escrita, propositalmente, com letra minúscula, por remeter-se a um semelhante e não à alteridade radical.

imaginária, que o sujeito vai se posicionar sexualmente, escolhendo uma das duas posições, a de sujeito desejante, ou a de objeto, onde o próprio desejo é ser desejo do outro. Lacan diz expressamente que as posições masculina e feminina devem ser abordadas a partir das formações da fantasia:

“A esse título, como indica alhures em meus gráficos, a conjunção apontada desse S e desse a , não é outra coisa senão fantasia.” (Lacan, 1993 [1972-1973]:108)

Se abordarmos essa oposição entre sujeito e objeto pelo viés da significação fálica, diremos que a escolha se dá entre ter ou ser o falo. Ambas as posições, dessa forma, embora guardem uma diferença entre si, estão, igualmente, imersas no gozo fálico, gozo esse que tem como objetivo, com o auxílio da fantasia, instaurar a totalidade, completar a falta.

Para nos fazermos mais claros, voltaremos ao texto *A Significação do Falo*, de 1966, onde Lacan tece algumas considerações sobre a sexuação. Embora nesta época ele ainda não utilize os instrumentais de que dispõe no seminário *Mais, ainda*, suas pontuações permanecem válidas e relevantes para a compreensão das posições feminina e masculina com relação ao falo. Vejamos as seguintes afirmações de Lacan:

“...podemos apontar, restringindo-nos à consideração da função do falo, as estruturas às quais serão submetidas as relações entre os sexos. **Digamos que essas relações concentrar-se-ão em torno de um ser e de um ter (...) Isso pela intervenção de um parecer** que se substitui ao ter, para protegê-lo de um

lado, para mascarar a falta, no outro, e que tem como efeito projetar inteiramente as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos, até o limite do ato da copulação na comédia.” (Lacan, 1992 [1966]:271. Grifos nossos.)

O que nos interessa realmente nessa consideração lacaniana descrita acima, é o fato de afirmar, tanto a posição masculina como a feminina, como construções imaginárias, a partir da castração que se impõe a todos. Diana Rabinovich, em sua “Leitura da Significação do Falo”, comenta essa citação:

“Na citação anterior [Lacan] sustenta que como os seres falantes não podem ser homens e mulheres num sentido instintivo, a ambos os sexos não lhes resta mais que parecê-lo: parecem homens e parecem mulheres. Não podem sê-lo porque não têm a norma instintiva fixa (...) **a única solução possível é este parecer que, por ser um parecer de nenhum ser, introduz a dimensão da máscara.**”¹⁵ (Rabinovich, 1995: 81. Grifos e Tradução nossos)

A dimensão de parecer, de semblante, salientada por Rabinovich, reafirmamos, está inteira inscrita no registro fálico, pois tenta escamotear a castração. Nossa preocupação em sublinhar a imersão das posições feminina e masculina na ordem fálica está relacionada com um questionamento, com referência à oposição *todo \ não-todo*, que conduziremos a partir de agora. Trata-se de uma dificuldade teórica que se apresenta a nós especialmente do lado

¹⁵ No original: “En la cita anterior sostiene que como los seres hablantes no pueden ser hombres o mujeres en un sentido instintivo, a ambos sexos no les queda más que parecerlo: parecen hombres y mujeres. No pueden serlo tienen la norma instintiva fija que les daría una realidad fija; por ende la única solución posible es este parecer que, por ser un de ningún ser, introduce la dimensión de la máscara.”

Mulher do gráfico de sexuação. Não encontramos muito problema em abordar o masculino na teoria lacaniana, pois as proposições que o definem entrecruzam-se com facilidade. O lado Homem do gráfico de sexuação diz que quem aí se localiza tem sua forma de satisfação sexual sustentada pela ilusão de ter o falo, e afirma, ao mesmo tempo, que o homem está totalmente imerso no falicismo. Temos, então, duas afirmativas que não se contradizem, ao contrário, se completam.

Já do lado Mulher, contamos com dois enunciados que não necessariamente são opostos, mas que podem, facilmente, assim se apresentar. Como vimos, Lacan afirma que a posição feminina mantém uma relação com o falo através do *ser*. Ao mesmo tempo, ele assinala que a mulher é *não-toda* fálica. Como tentaremos demonstrar, esses dois enunciados podem estar denotando duas posições bastante diferentes. O posicionamento *não-todo* frente à ordem fálica leva Lacan a postular um gozo-a-mais para os sujeitos que assim se inscrevem. Tal forma de satisfação seria diferente daquela *toda* fálica, denominada masculina. Além disso, a inserção *não-toda* na ordem fálica faz menção a uma posição que guarda um distanciamento com relação ao semblante. Porém, notamos que do lado feminino da sexuação, a posição pela qual o sujeito encarna o objeto *a* na fantasia pode perfeitamente ser considerada *toda* fálica, estando, ilusoriamente, na dimensão do parecer. Para podermos dar continuidade a essa discussão, passemos ao próximo item, onde apresentaremos o sentido dado por Lacan ao *tudo* e ao *não-tudo* como formas diferentes de participar da ordem fálica.

3.3) O *Tudo* e o *Não-Tudo*: Possibilidades de Inserção na Ordem

Fálica.

Comentamos no início do apartado anterior, que Lacan articula proposições lógicas a sua proposta para pensar a diferença sexual. Nos dois quadrantes superiores do gráfico de sexuação (p.74), estão dispostas as fórmulas de sexuação, desenvolvidas a partir de uma base lógica. A intenção do autor é de trabalhar a diferença a partir de uma outra ordem que não a da anatomia, e o faz articulando posições subjetivas com a questão do gozo. Para sistematizar sua intenção teórica, Lacan se apropria dos conhecimentos da lógica aristotélica, acrescentando-lhes outros instrumentais proporcionados pela lógica moderna. Não pretendemos empreender aqui uma apresentação detalhada acerca dos fundamentos lógicos utilizados por Lacan, visto que para isso seria necessária uma extensa digressão, a nosso ver não estritamente fundamental. Nosso objetivo é abordar, a partir das fórmulas de sexuação, a explicação lacaniana subjacente, que, além de acrescentar conteúdo à discussão da diferença sexual, remete-se a outras questões fundamentais da psicanálise.

O lado esquerdo do gráfico seria o do masculino, e o direito o do feminino. Nos quadrantes superiores temos a explicação lógica para que os posicionamentos femininos e masculinos estejam diferenciados e distribuídos da forma como Lacan postula. A significação do quadrante esquerdo superior seria a seguinte: os homens estão todos obedecendo à ordem fálica ($\forall x \phi x$), já que existe uma exceção que faz existir este todo ($\exists x \overline{\phi x}$). A primeira seria uma proposição universal, fundada por uma proposição particular que a nega. No raciocínio utilizado aqui por Lacan, O *todo* para se formar

precisa de uma exceção, pois para que um conjunto se constitua a partir de um traço qualquer, é necessário que apareça algo diferente, fazendo com que esse conjunto se reconheça como tal. A exceção, disposta na segunda proposição, a particular negativa, corresponde à função paterna como suporte da lei. Faz menção ao pai primitivo de *Totem e Tabu* (Freud, 1913), que mantinha para si todas as mulheres, não sendo, assim, submetido à castração. Conforme explica Catherine Millot,

“A função do Pai consiste ao mesmo tempo em dar consistência ao mito de um gozo absoluto que ele encarna, e em situar este gozo como proibido e inacessível; a função fálica se fundando sobre a exclusão lógica desse gozo. O universal que caracteriza o masculino se define pela castração, ou seja, pela exclusão do gozo absoluto.” (Millot, 1992:34)

O que coletiviza os homens, assim, é a especificidade de seu gozo fálico, fragmentado pela inferência de um Outro gozo que, se não lhes é acessível, não deixa de ser almejado. “É o ter sempre que correr atrás que os coletiviza”(*ibid*: 34)

No lado feminino as proposições lógicas são as seguintes: não existe uma que não seja submetida à função fálica, $(\exists x \overline{\phi x})$ e, por isso, a mulher é *não-toda* submetida à função fálica $(\forall x \phi x)$. A articulação desses dois enunciados explicita que não há uma exceção, formando o conjunto das mulheres, que escape à castração. Em função disso, da ausência de uma exceção que aponte um traço totalizador, no caso a submissão total à lei fálica, os sujeitos aí localizados, só obedecem a essa lei parcialmente. A exclusão lógica do gozo absoluto, tal como

ocorre no processo de sexuação masculino, não se operaria do lado feminino, o que faz Lacan aventar, para os que se colocam do lado feminino, a existência de um gozo-a-mais, além do falo. As mulheres participam do gozo fálico, mas, em contrapartida mantêm uma outra relação com o que vem limitar esse gozo. “O outro gozo, que não o fálico, este gozo que tem relação com o gozo do Outro, figurado pelo pai da horda primitiva, não é excluído de seu campo”.(ibid: 35)

A partir dessas formulações lógicas lacanianas, nos surge um impasse similar àquele apontado na obra freudiana com relação aos determinantes da sexualidade. Quanto aos lados Homem e Mulher do gráfico de sexuação, Lacan nos assegura que eles nada têm a ver, necessariamente, com o homem e a mulher respectivamente, mas representam, antes, valores sexuais. Coloquemos isso nas palavras do próprio autor:

“...não se é forçado, quando se é macho, a se colocar do lado do $(\forall X \phi X)$. Pode-se também colocar-se do lado do não todo. Há homens que lá estão tanto quanto as mulheres. Isto acontece. E que, ao mesmo tempo, se sentem lá muito bem (...) É isto que chamamos os místicos.”
(Lacan, 1993 [1972-1973]: 102)

Com relação à mulher, biologicamente falando, Lacan também afirma, literalmente, que ela, não necessariamente, se coloca do lado do *não-todo*. Referindo-se ao posicionamento do lado Homem, Lacan observa:

“A gente se alinha aí, em suma, por escolha - as mulheres estão livres para se posicionarem ali se isso lhes agrada. Todo muno sabe que há mulheres fálicas, e que

a função fálica não impede os homens de serem homossexuais.”(ibid: 97)

Não apenas nesses dois últimos fragmentos citados, mas em todo o texto do *Seminário Mais, Ainda*, dedicado especialmente à questão dos gozos e da divisão dos sexos, percebemos a preocupação de Lacan em afirmar tal diferença como independente do sexo anatômico. Pensamos, de fato que a possibilidade de um sujeito estar *não-todo* inserido no gozo fálico independe de seu contato com a marcação imaginária da diferença sexual. Apontemos, porém, que Lacan nomeia a postura *não-toda* fálica de feminina, e que a base lógica a partir da qual ele formaliza sua teoria faz menção à participação da anatomia, parecendo às vezes designar um destino. É essa a opinião de Millot, a quem recorreremos mais uma vez. Comentando as proposições que definem o lado feminino da sexuação, ela afirma que, seja qual for a explicação subjacente à esta fórmula, há a participação aí da anatomia como determinante. “...Nenhum dizer desse tipo pode ser justificadamente enunciado sem o suporte da anatomia”(Millot, 1992:35).

Millot assinala que se o lado feminino é caracterizado por uma *não-toda* submissão ao gozo fálico, isso se funda porque a ameaça de castração, devido a anatomia, não se faz valer para as mulheres, assim como para os homens. As mulheres não estariam de todo inscritas na função fálica, pois o contato com a castração não teria força suficiente para submetê-la totalmente ao falicismo, uma vez que este contato, a exemplo do que Freud teorizou, se dá como um fato já consumado.

Nesse sentido, o processo de sexuação estaria sendo abordado fundamentalmente através da diferença anatômica, tal como se encontra no texto freudiano. Não questionamos a participação da anatomia nesse processo, mas a nosso ver a diferença anatômica gera suas consequências, especialmente, no que diz respeito à escolha entre ser sujeito ou objeto da fantasia sexual, o que não necessariamente implica uma postura *toda* ou *não-toda* fálica. Caso contrário, concluiríamos que a posição *não-toda* é mais acessível à mulher, visto que sua anatomia lhe propicia, enquanto sujeito, uma relação menos subjugada com a lei fálica. Pensamos que a possibilidade de se colocar *todo* ou *não-todo* no regime fálico se oferece igualmente a qualquer sujeito, e pode ser abordada por um caminho teórico independente da questão da diferença sexual.

Recorremos, assim, aos comentários de M D Magno, que faz interessantes articulações acerca do gráfico de sexuação. Magno, em seu seminário *O Pato Lógico*, aborda as fórmulas de sexuação, diferente de Millot, sem alusão à diferença anatômica como determinante. Ele, por sua vez, privilegia o caráter lógico dessas operações como aquilo que faz nascer o sujeito, reservando a ele duas possibilidades de resposta à função paterna. Já vimos que o lado masculino se totaliza por haver uma exceção (o pai primevo), que se opõe à lei. O que Magno vai apontar é que colocar-se desse lado masculino significa acatar a lei imposta pelo pai simbólico, a lei que proíbe o gozo pleno, e impinge a todos o registro da representação, da fala. O lado feminino se definiria pela possibilidade de burlar essa lei, de não acatá-la de todo. Esta seria

uma segunda forma de resposta à função paterna (instauradora da lei), que implicaria uma forma de ser não totalmente constrangida pelo falicismo. A respeito daquele que se localiza desse lado, Magno diz:

“ Esse ser é aquele que entra no barato de dizer que esta função pode ser negada, ou seja, que se possa dizer não ao não da função paterna.”
(Magno,1986:142-143.)

Com relação à demarcação lacaniana, que nomeia de Homem e Mulher, respectivamente, a primeira e a segunda possibilidade subjetiva, nessa ordem aqui abordadas, Magno nos diz que isso reflete o destino humano, por estrutura, que é o de ser falante. Um sujeito pode nunca habitar o lado *não-todo*, mas necessariamente, se é sujeito, participará do gozo fálico. E mesmo que possam habitar o lado feminino, os falantes continuam a fazer parte do lado masculino.

“Lacan coloca todo falante nessa categoria. Não se é falante fora dessa suposição lógica. Por isso ele chama de Homem, que é, até segunda ordem, o nome da espécie. É sobretudo nesses termos que é preciso pensar a palavra homem aí.”(ibid: 142)

É nesse sentido que o autor propõe que chamemos o lado direito do gráfico de sexuação de Homem’(H’), e não de Mulher (M), pois tal desdobramento nos permitiria compreender melhor esse segundo posicionamento como simplesmente uma possibilidade

subjetiva diferente da primeira, que foi denominada masculina. Assim, ficaria mais rigorosamente demonstrado o “poder de escolha” do humano, tão assinalado por Lacan. Quando comparamos os enunciados de Millot e de Magno acerca da oposição entre o *todo* e o *não-todo*, nos deparamos com pontuações que, longe de se excluïrem, privilegiam aspectos diferentes do texto de Lacan. Achamos relevante resgatar os desdobramentos teóricos de Magno, uma vez que eles nos ajudam a abordar a oposição entre o *todo* e o *não-todo* de forma independente da diferença anatômica. As considerações de Millot, por outro lado, apontam a possibilidade indicada por Lacan de compreendermos o *não-todo* como um posicionamento mais acessível à mulher, articulação teórica que aponta uma superposição entre o *não-todo* e a posição feminina de objeto *a*. Essa forma de abordagem foi extremamente explorada por diversos autores lacanianos, que se dedicaram ao tema da sexualidade feminina. Notemos a descrição dada por Philippe Julien, acerca da posição de objeto *a*:

“...ela sabe o que há de disjuntivo entre o semblante e o gozo. Uma mulher, uma dada mulher, os mantém distintos na prova da verdade (...) Ela sabe que o sentido sexual, que é semblante, não é a última palavra.” (Julien, 1996:139)

Segundo a apreciação de Julien, se a mulher encarnar o objeto *a*, causa de desejo, isso já a coloca na posição *não-toda*, numa espécie de destituição subjetiva, tal qual acontece numa análise. Por isso, ela saberia a distância entre o semblante e o real; aceitaria fazer semblante, mas estaria ciente disso, compreendendo que a satisfação

sexual só pode mesmo ser parcial. Ora, sabemos, através da clínica ou mesmo da observação comum, que a mulher, na maioria das vezes, ocupa, de fato, o lugar de objeto de desejo, mas imersa totalmente na lógica fálica de tamponar a castração. Ela pode, sim, estar aí *não-toda*, mas sustentamos que isso não está, em princípio, implicado na posição feminina de objeto *a*. Encontramos um comentário de Sonia Nassim, que vem ratificar nosso ponto de vista:

“No caso daquele que se instala **apaixonadamente no feminino**, ou seja, naquele que é o objeto causa do desejo do Outro, também está em jogo a necessidade de uma renúncia.”(Nassim, 1988: 96. Grifos nossos)

O que é necessário renunciar, para usar as palavras da autora, é justamente a tentativa de velar a castração, apegando-se “apaixonadamente” à fantasia fálica, postura que evidencia a neurose. Por isso Lacan chamou o gozo fálico de gozo do idiota, pois ao se lançar dessa maneira na “relação” com o outro, o sujeito crê na exclusão da falta, intencionando fazer *Um* com o objeto. O que pretendemos assinalar é que a tentativa neurótica de se fazer inteiro não é um prerrogativa de quem se coloca sexualmente do lado masculino, mas se estende aos sujeitos que optam por ser objeto da fantasia. Também eles querem ser desejados inteiramente, e tamponar completamente a falta do parceiro, construindo, com isso, a ilusão de que nada falta.

Dessa forma, achamos ser mais interessante pensar a posição *não-toda* fálica articulada ao fim de análise, e não necessariamente à posição de objeto *a* na “parceria” amorosa. Lacan,

no *Mais, ainda*, refere-se ao analista como aquele que põe o objeto *a* no lugar de semblante. Podemos entender com isso que o trabalho da análise propicia ao sujeito um reposicionamento em sua fantasia, acatando a satisfação sexual como parcial, fato que, independente do seu assentimento, se impõe como real. É disso que se trata numa análise, de reconhecer o semblante como tal. Conforme as palavras de Lacan,

“O verdadeiro, então, certamente, é isso. Só que isso não se atinge jamais senão por caminhos tortuosos. Apelar para o verdadeiro, como correntemente somos levados a fazer, é simplesmente lembrar que não é preciso enganar-se, e crer que já se está mesmo dentro da aparência. **Antes da aparência, na qual, com efeito, tudo se baseia para ressaltar na fantasia, há que fazer uma distinção severa do imaginário e do real.** (Lacan, 1993[1972-1973]: 128-129. Grifos nossos.)

Acatar o real da ausência de objeto, para qual a fantasia mostra-se insuficiente, implica abandonar o ideal narcísico de completude e, mais do que isso, abrir espaço para as diferenças que a experiência singular do sujeito comporta. Essa possibilidade de aceitar a castração imposta pela estrutura não é necessariamente atingida pelo processo analítico, mas é esse o objetivo de toda análise, na visada lacaniana. Voltando à parte inferior do gráfico de sexuação, vemos que no lado Mulher, além da posição de objeto *a*, Lacan escreve letra \hat{A} , que aponta, ao mesmo tempo, para o falo e para $S(\hat{A})$. A nosso ver, podemos articular esse esquema ao reposicionamento subjetivo implicado numa análise. A escrita gráfica faz menção a uma relação

outra, atenuada, com o gozo fálico. Ao mesmo tempo que a seta aponta para o falo, direciona-se também à falta do Outro [S(~~A~~)].

No campo do Outro, que é a linguagem, falta um significante, que seria justamente aquele que permitiria escrever a relação sexual, pois designaria ao sujeito o seu objeto sexual adequado. Poder relacionar-se com a castração do Outro, é condição para que o falante acate a sua própria castração, reconhecendo, assim, que trata-se de uma condição imposta pela estrutura da linguagem. Posicionar-se dessa maneira frente à questão da impossibilidade de completude, não coloca o sujeito numa outra ordem que não seja fálica, mas viria viabilizar uma *não-toda* submissão ao gozo fálico. Se entendermos o *não-todo* dessa forma, não poderíamos afirmar que tal posicionamento estaria privilegiadamente ligado à forma feminina de situar-se na sexuação.

Além de designar uma relação diferente com o falicismo, a posição *não-toda* atrela-se, na teoria de Lacan, com a existência de um gozo-a-mais, viabilizado à experiência humana. Esse gozo foi também denominado gozo feminino. Porém, se não concebemos o *não-todo* como um posicionamento mais permeável ao feminino, da mesma forma não podemos compreender o gozo-a-mais como um gozo tipicamente feminino. Gostaríamos de assinalar, inclusive, quanto a esse tipo de gozo, que trata-se de uma construção teórica não assegurada definitivamente por Lacan. Em alguns momentos do Seminário XX, ele deixa em aberto a existência de um gozo para além do falo. Essa é a opinião de Serge André, que nos diz o seguinte:

“... talvez isso não passe de um idéia, uma produção imaginária. Seja como for, o fato de que esse Outro gozo se situa fora-da-linguagem, torna-o

impossível de se dizer, portanto, expõe-se a permanecer no registro da crença". (André, 1991: 222-223).

O comentário de André situa o gozo-a-mais como uma hipótese mítica, não viável, seguindo uma indicação propiciada por Lacan, já que este sempre privilegiou a linguagem como o único registro possível para a experiência subjetiva. Se, por outro lado, quisermos nos posicionar a favor da viabilidade desse gozo suplementar ao fálico, pensamos ser mais coerente compreendê-lo como uma experiência mística, como, aliás, o fez Lacan. Ele várias vezes marca no *Mais, ainda* que, dos relatos de Santa Teresa D'ávila, por exemplo, pode-se inferir a presença de um gozo-a-mais, que ultrapassa a dimensão do significante; um gozo que estaria próximo do gozo do ser, aquele gozo do Outro, que se exclui do campo do falante. A respeito do real dessa experiência, porém, nada se pode falar, diz Lacan, pois a estruturação de um relato já a coloca na dimensão do significante. Isso nos ajuda a compreender o comentário feito por Serge André, destacado acima. Mas o que queremos, enfim, apontar com essa discussão é que, caso concordemos em assinalar a possibilidade de um gozo para além do falo, nos parece mais pertinente acatá-lo como adjacente ao misticismo, e não como um gozo inerente à posição feminina.

Nosso interesse em estabelecer essa distinção, entre a posição de objeto *a* e outra *não-toda* fálica, é pertinente a essa dissertação, à medida em que podemos, a partir daí, refletir melhor sobre as influências da diferença anatômica na sexuação. Já assinalamos que Lacan adverte para o fato de que todo ser falante pode ocupar qualquer uma das posições sexuadas, dispostas em sua formalização.

Dessa forma, ocupar o lugar de sujeito barrado ou fazer semblante de objeto *a* na “parceria” sexual, é uma escolha que não mantém relação necessária com o homem e a mulher biológicos respectivamente. Lacan marca, inclusive, que essas posições se alternam em um mesmo sujeito, idéia essa muito bem desenvolvida na citação abaixo.

“Remarquemos novamente, que as duas metades das fórmulas são as duas metades do sujeito; não se trata de que de um lado encontremos o que se sucede a um homem e de outro à mulher. Consequentemente, Lacan considera o homem e a mulher como valores sexuais.”¹⁶ (Fischman e Hartmann, 1995: 67. Tradução nossa)

Notamos, porém, que a anatomia participa na escolha da posição sexuada, não de forma a traçar um destino, mas podendo facilitar um ou outro caminho para a obtenção do gozo sexual. Apesar de a percepção da diferença anatômica já ser uma construção imaginária, o que é bem assinalado por Lacan, há uma diferença real que é levada em consideração. Assim, mais comumente, o homem, que carrega no corpo um suporte privilegiado para o falo em sua dimensão imaginária, vai lidar com a castração pelo viés do *ter*. Para a mulher, seguindo a mesma lógica, será mais fácil identificar-se com o que não tem, e que deseja, para ocupar um lugar de gozo na relação com o Outro. Essa bipartição da obtenção de satisfação sexual, não traz, em si mesma, grandes deslocamentos com relação ao que Freud já havia proposto, principalmente se nos remetermos ao texto de 1914, *Sobre o*

¹⁶ No original: “Remarquemos, nuevamente, que las dos mitades de las fórmulas son las dos mitades del sujeto; no se trata de que de un lado encontremos lo que le sucede al hombre y del outro a la mujer. Consequentemente, Lacan considera al hombre y la mujer como ‘valores sexuales’.”

Narcisismo: Uma Introdução, onde ele anuncia, com outros termos, essa divisão entre sujeito e objeto, como forma de abordar a diferença sexual.

O ganho que a teoria de Lacan proporciona, a nosso ver, está no fato de Lacan preocupar-se abertamente em afastar a diferença sexual de um determinismo pretensamente anunciado pelo corpo. Isso se reflete em seu assinalamento do feminino e do masculino como valores sexuais, posições que se configuram como semblantes imaginários, construídos no jogo identificatório. Além disso, a própria experiência da descoberta da diferença anatômica perde seu caráter fundamental na visada de Lacan, já que o falo e a castração, nesse contexto, se configuram, na experiência subjetiva, anteriormente à percepção de que há uma diferença genital. A viabilidade de identificar-se com o falo, por exemplo, pode se afirmar num sujeito como forma privilegiada de participação no gozo sexual, sem que essa escolha seja, necessariamente, uma consequência da distinção anatômica.

Não podemos negar, entretanto, que o texto de Lacan, especialmente onde se refere ao feminino, deixa margem para interpretações de cunho essencialista. Isso ocorre principalmente quando o *não-todo* é conferido, intrinsecamente à posição feminina. Nesse caso, verifica-se, amiúde, uma superposição entre feminino e mulher. Ao abordar a participação *não-toda* no regime fálico, articulando-a com o gozo-a-mais, Lacan parece, muitas vezes, remeter-se à mulher biológica. Embora saibamos que sua intenção fundamental não é essa, já que mulher e homem são afirmados pelo autor como valores sexuais, seu texto comporta uma ambiguidade a esse respeito. Quando Lacan afirma, por exemplo: "...a mulher se define por uma

posição que apontei como o *não-todo* no que se refere ao gozo fálico” (Lacan, 1993[1972-1973]:15), a formulação da frase dá margem à compreensão de que o *não-todo* designaria uma especificidade da mulher, o que é diferente de observar que a posição *não-toda* fálica é considerada feminina.

Assinalamos mais uma vez que, segundo nosso ponto de vista, a oposição entre o *todo* e o *não-todo* não traduz a discussão da diferença sexual no ensino de Lacan. A diferença sexual na teoria lacaniana, deve ser abordada com referência ao tipo de posicionamento frente ao gozo sexual, que é fálico. Por essa razão é entrelaçada com a abordagem da relação sexual, que nesse contexto só se realiza por intermédio da fantasia. O feminino e o masculino ficam, assim, afirmados como produções imaginárias, que se constroem justamente porque não há, no campo do humano, uma diferença sexual previamente estabelecida. A diferença trazida pelos corpos não é suficiente para informar ao falante o que fazer com a sua sexualidade, principalmente porque não designa o objeto apropriado para a satisfação sexual, que se revela sempre insuficiente com relação ao desejo.

Podemos concluir, assim, que a formalização de Lacan em torno da diferença sexual, é parte de sua preocupação teórica central, que visa afirmar o objeto da pulsão sexual como um objeto desde sempre perdido. É assim que podemos compreender porque ele afirma que \bar{A} Mulher não existe, ou que não há um significante capaz de designar o que seria \bar{A} Mulher. Esse aforisma não se remete, em absoluto, à mulher biológica. Não existe \bar{A} Mulher, ou não existe o Outro sexo, significa dizer que não há objeto correspondente ao sujeito, ou que não há um significante que designe esse objeto; caso

houvesse, também existiria a possibilidade de se estabelecer previamente a diferença sexual, como se dá na ordem da natureza. Notemos as palavras de Noga Wine:

“ No humano falta a inscrição da diferença sexual. **O outro sexo não está inscrito e, portanto, falta a inscrição do objeto**, que é objeto sexual em primeiro lugar.” (Wine, 1992:46. Grifos nosos)

Se nos perguntarmos por que esse objeto faltoso é designado sob o signo da mulher, podemos argumentar que a posição sexual na qual o sujeito faz semblante de objeto, simbolizando o objeto perdido, é uma posição mais comumente ocupada por mulheres. Em última instância, porém, achamos que tal assinalamento se remete à distinção anatômica, já que este foi o suporte a partir do qual Freud construiu o postulado da primazia fálica. O apoio do falo no órgão anatômico masculino, mesmo depois de todo o desdobramento teórico lacaniano, não é desconstruído, até porque o pênis continua sendo um suporte privilegiado do falo imaginário. Assim, quando Lacan se refere à ausência de um Outro sexo, que estabeleceria previamente a diferença sexual, isso é simbolizado pela mulher que, no imaginário, porta a inscrição do símbolo fálico em sua ausência. Notemos, porém, que a anatomia é trabalhada por Lacan, de forma privilegiada, como um dos fatores participantes da sexuação, e não como um destino, o que afirma a diferença sexual fundamentalmente no registro da construção.

CAPÍTULO 4

A CONTRIBUIÇÃO DE ROBERT STOLLER À DIFERENÇA SEXUAL

Dentre os diversos estudiosos que deram continuidade à obra de Freud, Stoller se sobressai como psicanalista e pesquisador que dedicou praticamente todo o seu interesse à questão da sexuação. A maneira pela qual se desenvolvem e se afirmam a masculinidade e a feminilidade é a preocupação teórica que perpassa, de ponta a ponta, a sua produção escrita.

Como todo teórico criativo, que visa produzir saber a partir dos achados freudianos e não apenas repeti-los, Stoller, apesar de fiel a pressupostos básicos da psicanálise, sustenta, com relação a certos postulados freudianos, posição contrária, ou melhor, diferente. Como característica interessante e enriquecedora da obra de Stoller, apontamos o fato de seus escritos serem permeados de relatos clínicos, denotando a extrema preocupação do autor com o campo

da prática.

Para localizar a contribuição teórica de Stoller dentro do movimento psicanalítico, tentaremos apontar, na medida do possível, a influência que têm sobre seu trabalho, idéias já construídas por outros autores. Assim, começaremos por assinalar, junto com Person e Ovesey (1983), que a produção de Stoller, num de seus aspectos cruciais, tem como esteio o caminho aberto pela discussão em torno da primazia fálica, que se estendeu, aproximadamente, de 1923 a 1935. Horney e Jones, que ficaram conhecidos especialmente como representantes da movimentação teórica que se opunha ao falocentrismo freudiano, postularam a feminilidade como primária, e não como resposta defensiva à castração. Stoller segue esses passos, mas notamos que sua teoria afasta-se das concepções dos autores citados, num ponto para nós essencial nessa dissertação: a utilização de pressupostos naturalistas.

Horney e Jones afirmaram que tanto a feminilidade como a masculinidade são formações primárias, e que o monismo fálico se instaura como uma defesa para ambos, o menino e a menina. Na compreensão desses autores, em conformidade com as idéias sustentadas na época por Melanie Klein, o complexo de Édipo é vivenciado pela criança muito anteriormente à fase fálica. Os desejos incestuosos estão presentes desde a fase oral, sendo já então fonte de conflitos. Tais desejos aparecem associados a sensações eróticas advindas dos órgãos genitais que são, para o menino o pênis, e para a menina a vagina. A primazia fálica vai se instalar posteriormente, como resposta aos temores e frustrações precoces. No menino, os

impulsos genitais conduzem naturalmente à penetração de um órgão côncavo (cf. Chasseguet-Smirgel, 1988: 37-38), e esse órgão é atribuído à mãe, que é seu primeiro objeto de amor. Ele se sente, porém, inferiorizado por notar que seu pequeno órgão é insuficiente para penetrar a mãe. Essa experiência de frustração, responsável por uma ferida narcísica, produz como efeito a negação do conhecimento da vagina, e apenas o pênis passa a ser valorizado como órgão sexual, obtendo seu caráter fálico.

Para a menina a organização fálica também é uma formação secundária. Seus desejos incestuosos primitivos ligam-se à sensibilidade da vagina como órgão privilegiado de impulsos eróticos. A fantasia de ser penetrada pelo pai, entretanto, é acompanhada pelo temor de ter seu corpo internamente devastado. A desproporção entre o pênis grande do pai e o pequeno órgão da menina gera este medo. Ela vai, então, reprimir suas pulsões vaginais e transferi-las para o seu órgão sexual externo, o clitóris. Desta forma, “para a menina, como para o menino, a vagina não descoberta é uma vagina negada” (Chasseguet-Smirgel, 1988: 39).

Person e Ovesey observam que a teoria defendida por Horney e Jones leva a uma concepção da diferença sexual que caminha lado a lado com a idéia de uma heterossexualidade primária e natural, apontando uma incoerência entre esse ponto de vista e a formação culturalista de Horney.

“Paradoxalmente, Horney, que tem uma visão culturalista, atribuiu gênero a uma heterossexualidade inata, no que foi seguida por Jones. Para eles, feminilidade e masculinidade foram criados na natureza, e correspondem aos domínios

do biológico.”¹⁷ (Person e Ovesey, 1983: 211)

Nesse sentido, queremos apontar que Stoller, embora influenciado pelas idéias Horney e Jones, no que diz respeito à possibilidade de considerar a organização fálica da sexualidade como secundária, constrói uma teoria que, ao contrário desses autores, tenta se afastar da determinação natural para a concepção da diferença sexual. Apesar de não descartar o papel dos fundamentos biológicos como um dos fatores que participam da construção da feminilidade e da masculinidade, Stoller cria um artefato teórico que, como um todo, privilegia o processo identificatório, resultante da interação entre a criança e o meio externo, como processo fundamental para consolidar o caráter feminino ou masculino num sujeito.

4.1) Gênero X Sexualidade

Stoller se dedica a estudar a construção da feminilidade e da masculinidade a partir de uma longa experiência junto a transexuais, atuando como clínico e pesquisador. Ele inicia a sua investigação tendo como objetivo localizar os possíveis determinantes para o fenômeno do transexualismo. Nesta empreitada, Stoller é instigado por uma característica em especial, na atitude de alguns transexuais: a naturalidade como estas pessoas

¹⁷ No original: “ Paradoxically, Horney, the culturalist, attributed gender to innate heterosexuality and Jones echoed her. For them, femininity and masculinity were created in nature, and correspond to biology.”

sentem pertencer ao outro sexo, oposto a sua anatomia.

A respeito do primeiro fato a despertar seu interesse para o assunto, Stoller apresenta um interessante relato. Trata-se de uma entrevista com uma mulher transexual (uma mulher, biologicamente, que se considerava um homem), feita por ele para colaborar com uma pesquisa de amigos seus, da Universidade da Califórnia, cujo tema era o transexualismo (Worden e Marsh, 1955). Sobre esta experiência, Stoller conta:

“...para meu assombro, o paciente não era o que eu esperava — uma mulher que agia de modo masculino, descartando-se de sua feminilidade nesse processo de modo tristonho e patético. Ao contrário, o paciente era um homem sem nenhum aspecto notável, com uma aparência natural — um homem comum. (Stoller, 1993: 19)”.

Achamos interessante destacar este relato de Stoller, não apenas porque o fato marca o início de sua trajetória no tema da sexuação, mas principalmente porque nos permite focalizar o ponto central, sobre o qual ele efetua seus próprios desdobramentos teóricos dentro da psicanálise. Stoller discordava da proposta freudiana, que faz do complexo de Édipo o núcleo a partir do qual a feminilidade ou a masculinidade vai se consolidar. O contato com o transexualismo ratifica esse seu ponto de vista. Stoller afirma que “embora as teorias pudessem explicar o bizarro, elas não podiam explicar a naturalidade” (ibid).

Para Stoller um caráter tão profundamente consolidado, como a masculinidade ou a feminilidade, constituinte do ego, não

poderia ser fruto do conflito edípiano que só será vivido simultaneamente à fase fálica da organização sexual infantil. Stoller acreditava que as origens da diferenciação entre os sexos deveriam ser buscadas muito anteriormente, a partir das primeiras identificações da criança. É desta forma que ele constrói a noção de identidade de gênero, processo que se desenvolve a partir de um núcleo muito primitivo, denominado núcleo da identidade de gênero ou identidade de gênero nuclear. Trata-se de uma teoria que se contrapõe às formulações freudianas em vários aspectos. Antes porém, de enfocarmos as controvérsias entre Stoller e o texto freudiano, tentemos compreender no que consiste esta nova proposta.

A categoria de identidade de gênero engloba o conjunto de fatores que cercam a diferença entre os sexos: o gênero (“sentir-se homem” ou “sentir-se mulher”), o papel social concernente ao gênero, e a posição escolhida quanto ao objeto sexual (hétero ou homossexual). Nessa acepção mais ampla, a identidade de gênero só vai ser definida após o desenlace edípico, mas o que Stoller observa é que, por essa ocasião, aspectos cruciais da identidade, que dizem respeito especificamente ao gênero, já estão consolidados. A isso ele chama núcleo da identidade de gênero, um estágio muito primitivo, que é fundamental para a assunção psíquica que se desenvolve acerca do próprio sexo. Com essa conceitualização, Stoller postula uma disjunção entre gênero e sexualidade. O gênero estaria relacionado à sensação de pertencer a um ou outro sexo, sem que isso necessariamente corresponda ao sexo anatômico. A

sexualidade, enquanto manifestação erótica, percorreria um caminho paralelo, tendo como núcleo para seu desenvolvimento, a vivência edípica. Emilce Dio Bleichmar que, em seu livro *O Feminismo Espontâneo da Histeria* (1988), utiliza os pressupostos teóricos de Stoller, faz a seguinte observação a respeito da noção de identidade de gênero nuclear:

“Esta identidade é prévia e se encontra consolidada, e o desenlace edípico conduz a uma normatização do desejo, quer dizer, à escolha do objeto heterossexual. Seu fracasso no máximo pode alterar tal “normalidade” e perverter o desejo, não o gênero”. (Bleichmar,1988: 43).

Nesse contexto somos levados a tratar a diferença sexual como uma diferença de gêneros, já que o gênero é o critério principal no que concerne à convicção de pertencer a um determinado sexo. Assim, Stoller afirma que o núcleo da identidade de gênero “é a conexão em torno da qual a masculinidade e feminilidade gradualmente se desenvolvem.” (Stoller, 1993:). Se o núcleo da identidade de gênero é o primeiro passo para o desenvolvimento da feminilidade ou da masculinidade, e, como podemos perceber pelo comentário de Bleichmar, o gênero não pode ser modificado pelo complexo de Édipo, somos levados a afirmar que o gênero é o fator privilegiado para a construção psíquica de uma diferença em torno dos sexos, diferença essa que é tratada por Stoller como uma diferença entre duas identidades de gênero opostas, uma conotando a feminilidade, outra conotando a

masculinidade. Vejamos então, qual o conteúdo que os termos feminilidade e masculinidade encerram no pensamento de Stoller. No texto *Feminilidade Primária*, de 1976, encontramos uma nota de rodapé na qual ele nos dá uma definição, utilizando a feminilidade como exemplo.

“...para mim feminilidade é o que uma pessoa, seus pais, companheiros e a sociedade concordam que seja feminilidade; os critérios mudam de lugar para lugar e de tempo a tempo. Tal uso nos livra dos impasses de uma visão biologizante, isto é, de que masculinidade equivale a atividade (um impulso pretensamente induzido biologicamente) e feminilidade a passividade.”¹⁸ (Stoller, 1976:59)

Notamos, em primeiro lugar, que Stoller tem a preocupação fundamental de escapar de uma concepção naturalista para a compreensão da diferença entre os sexos. A diferença entre masculinidade e feminilidade é para ele culturalmente construída, e o que faz com que um desses dois tipos de identidade seja parte do ego de uma determinada pessoa, é aquilo que ela vivencia após o nascimento, e vai aparecer fundamentalmente como uma escolha ligada ao gênero. Nesse sentido, afirmamos, junto com Bleichmar, que “a identificação como operação psíquica daria conta da organização da identidade de gênero”(Bleichmar, 1988: 37). E se lembramos que o núcleo dessa identidade se estabelece antes da fase

¹⁸ No original: “...for me, femininity is what a person and that person’s parents, peers and society agree is femininity; the criterias change from place to place and time to time. Such usage frees us from the impasses produced by biologizing, e. g., that masculinity equals activity (an allegedly biologically-induced pressure) and femininity passivity.”

fálica, o que faz com que qualquer interferência da vivência edípica não venha a afetar o gênero já estruturado, percebemos que é nas primeiras identificações que devemos buscar, segundo Stoller, o fundamental para o desenrolar da masculinidade ou da feminilidade. Por isso a atenção do autor é voltada para a primeira infância, onde, como já assinalamos, o núcleo da identidade de gênero é consolidado. Vejamos, então, de que forma essa estrutura se constitui.

A identidade de gênero nuclear resulta, na opinião de Stoller, de cinco fatores. São eles:

- 1) Uma *força biológica*, comumente genética em sua origem, que se organizaria na vida fetal. Trata-se das influências de hormônios masculinos e femininos, que poderiam intervir no comportamento, designando uma distinção sexual.
- 2) A *designação do sexo*, que a criança recebe ao nascer, a partir da aparência externa de seu genital. Os pais, usualmente, não questionam tal designação, estejam ou não satisfeitos com ela.
- 3) A *atitude dos pais* frente à designação do sexo de seu filho. Refere-se à maneira pela qual os pais, especialmente a mãe, se posicionam diante do fato de ter um filho daquele sexo, atitude essa que vai ser interpretada pelo bebê a partir de sua capacidade de fantasiar. Esse item também engloba o caminho identificatório que será, a princípio, propiciado à

criança, pois a partir da nomeação de seu sexo, ela será criada por seus pais como um menino ou como uma menina.

- 4) Os *fenômenos bio-psíquicos*, que designam certas formas de comportamento fixadas muito primariamente na criança. Stoller assinala que esses fenômenos devem ser distinguidos de processos psíquicos posteriores, também resultantes da influência dos pais, tais como a angústia de castração.
- 5) O desenvolvimento do *ego corporal*. São as sensações corpóreas, especialmente advindas dos genitais, que junto com a percepção da imagem do próprio corpo, ajudam a definir as dimensões psíquicas do sexo da pessoa.

Stoller parece não privilegiar o primeiro item, para a constituição do psíquico. Ele faz a seguinte afirmativa, a respeito das *forças biológicas*:

“Nós sabemos (...) que quanto mais avançado o desenvolvimento evolutivo, menos absoluto é o efeito dos fatores somáticos e mais nós lidamos com uma psicologia na qual se inclui o conceito de escolha. E o fator escolha leva ao significado - fantasia, interpretação – e à necessidade de um vocabulário comportamental útil apenas a descrever seres humanos: masculinidade e feminilidade.” (Stoller, 1993: 31)

Dessa forma, Stoller afasta os fatores biológicos como determinantes do processo de desenvolvimento da feminilidade e da

masculinidade. Podemos compreender a partir daí, que a influência desses fatores para construir a diferença de gêneros deve ser minimizada. Isso parece ser extensivo ao quinto item enumerado pelo autor, relativo ao *ego corporal*, pois trata-se de uma descrição à qual Stoller não dedica maiores explicações. Ao longo do texto *Feminilidade Primária* (1976), e também de seu último livro intitulado *Masculinidade e Feminilidade — Apresentações do Gênero* (1993), nos quais ele apresenta os determinantes da identidade de gênero nuclear, Stoller não faz comentário algum para aprofundar a definição reproduzida no item cinco. A categoria de ego corporal parece não ser, para Stoller, uma influência fundamental na estruturação do núcleo da identidade de gênero.

Resta-nos, dessa forma, os outros três itens - designação do sexo, atitudes dos pais e fenômenos bio-psíquicos - que reúnem, a nosso ver, a tônica da teoria de Stoller sobre o desenvolvimento da identidade de gênero. Esses três determinantes se referem à interação da criança com o meio, em seus primeiros anos de vida, aspecto privilegiado pelo autor para a compreensão da construção psíquica em torno do sexo. O enfoque ambientalista de Stoller poderá ser melhor apreendido se abordarmos suas explicações para o fenômeno do transexualismo, baseadas na dinâmica familiar. Começaremos, assim, o próximo apartado, abordando as formulações stollerianas sobre o transexualismo, a partir das quais ele construiu seus postulados sobre a construção da masculinidade e a da feminilidade.

4.2) Do Transexualismo à Feminilidade Primária.

Em 1968, quando Stoller escreve seu primeiro livro, intitulado *Sexo e Gênero*, já estão articuladas as linhas condutoras à compreensão do transexualismo que, nesse contexto, é também denominado como identidade de gênero cruzada, ou inversão da identidade de gênero. O objeto privilegiado de sua investigação é a apresentação deste fenômeno em homens, já que eles constituem a maior parte de sua amostra. Para essa pesquisa Stoller se vale não apenas do trabalho com adultos, mas também dos casos de “meninos muito femininos”, que ele acompanha através de entrevistas com os pais. Estes meninos são crianças biologicamente masculinas, que desde os primeiros comportamentos possivelmente associados à diferença sexual, comportam-se como meninas e sentem-se meninas. Estas crianças usualmente são levadas ao acompanhamento psicológico no início da vida escolar quando alguém de fora da família chama a atenção para sua postura feminina que foi, até então, valorizada pela mãe e não rechaçada pelo pai. É hipótese de Stoller, em alguns casos comprovada, que esses meninos ao crescerem serão transexuais e poderão desejar a “mudança de sexo”, via cirurgia.

A partir do material recolhido, Stoller faz sua primeira constatação, que consiste em afirmar que a presença maciça da mãe, no início da vida da criança, uma presença por demais simbiótica e prolongada, atua como fator feminilizante. As mães dos “meninos muito femininos”, pareceram todas manter uma relação de amor com

seu filho, na qual o bebê significava a grande recompensa por uma infância infeliz. Dessa forma, essas mães encorajaram seus bebês a manterem-se, o maior tempo possível, indiferenciados dela. Além dessa postura da mãe, é necessário, para que o menino seja feminilizado, que o pai, em termos de modelo identificatório, esteja especialmente ausente durante a primeira infância desta criança.

No caso do transexualismo em mulheres, os fatores desencadeadores denotam uma dinâmica familiar simetricamente oposta à que vigora no caso dos homens transexuais. Stoller afirma que se para as crianças de sexo masculino, “mãe demais” e “pai de menos” feminiliza, com relação às meninas, “mãe de menos” e “pai demais” masculiniza. A história pregressa das mulheres transexuais, ou melhor, os pontos em comum, mostram que a primeira infância dessas mulheres foi caracterizada por uma simbiose insuficiente com a mãe, e um fortalecimento crescente da identificação com os traços de masculinidade do pai. Esse tipo de atitude é valorizada pelo pai da menina e, indiretamente, encorajada pela ausência da mãe.

Um aspecto a ser ressaltado a partir das constatações clínicas de Stoller é o caráter quantitativo presente na teoria sobre a inversão da identidade de gênero. No caso do homem transexual, por exemplo, quanto mais acirrada a situação feminilizante, mais fortalecida e definitiva será a constituição de uma identidade feminina. No caso dos “meninos muito femininos”, a constelação familiar observada reflete uma situação extrema. Na hipótese de Stoller, além do fato de esses meninos consolidarem o caráter da feminilidade quando adultos, o transexualismo apresentado por eles

se encaixará numa categoria, só verificada em homens, que o autor denominou transexualismo primário. Esse tipo de transexualismo remete-se àqueles homens que, desde a época mais remota, agem de forma feminina e sentem pertencer ao sexo feminino; nenhuma característica relacionada à masculinidade pôde ser observada no comportamento deles quando crianças, por parte daqueles que viviam a sua volta. O outro tipo de transexualismo – secundário – é o mais comum, e concerne a uma formação não tão primitiva; a feminilidade nesse caso não é uma manifestação tão pura e inambígua. Stoller, porém, não considera essa sua hipótese comprovada, afirmando que o transexualismo primário é uma apresentação extremamente rara. Algumas vezes ele se refere a essa categoria como unicamente uma suposição. É o que percebemos na citação abaixo:

“A forma pura desta condição existe apenas em teoria. No mundo real nós lidamos com contínuos graus, entrelaçamento complexo de fatores, somas algébricas, impressões clínicas. Se, por exemplo, eu falar sobre uma simbiose bem-aventurada, isso pode ser apenas uma generalização.” (Stoller, 1993: 67)

Devemos, dessa forma, nos ater às considerações acerca dos determinantes do transexualismo, na medida em que essas observações permitiram a Stoller construir postulados mais abrangentes sobre o desenvolvimento da identidade de gênero. Nesse sentido, destacamos um desdobramento teórico, essencial para a compreensão da proposta stolleriana, que se mostra, a nosso

ver, um conceito um tanto impreciso. Referimo-nos à idéia de feminilidade primária, ou profotfeminilidade, que Stoller afirma como o primeiro estágio do desenvolvimento da identidade de gênero, tanto para meninas como para meninos. Quando apresentamos a dinâmica familiar que seria responsável pela feminilização de meninos, vimos que é o estágio de indiferenciação com relação à mãe, fase pela qual passam todos os sujeitos, o primeiro e mais forte fator desencadeador. A proposição de Stoller é de que esse período de simbiose, mesmo que não exacerbada pela mãe, é um período naturalmente feminilizador. A fusão com a mãe facilitaria o caminho para uma identificação com os traços de feminilidade da mãe. Esse período inicial, que se estende mais ou menos pelo primeiro ano de vida, é uma fase onde a criança é *um* com a mãe, e isso significa, para Stoller, que a criança, nesse momento, é feminina.

“Sentir a si próprio como uma parte da mãe — uma parte da estrutura de caráter primeva e, portanto profunda (identidade de gênero nuclear) — estabelece o fundamento para o sentido de feminilidade de um bebê. Isso coloca a menina firmemente no caminho para a feminilidade na idade adulta, mas põe o menino em risco de ter, em sua identidade de gênero nuclear, um sentido de unidade com a mãe (um sentido da qualidade de ser mulher)”. (Stoller, 1993: 35)

A feminilidade primária que Stoller assegura pode ser, todavia, compreendida de duas formas diferentes. No próprio texto de Stoller, ora ele se refere a tal conceito como uma fase propiciada pelo modelo identificatório que a mãe representa privilegiadamente

para a criança, ora designa essa fase primitiva como uma feminilidade vazia, explicada a partir dos fatores bio-psíquicos que atuam na formação da identidade de gênero nuclear. Lembremos que sob a denominação de fenômenos bio-psíquicos, Stoller aventa a existência de um “imprinting”, referente a estímulos ambientais que não seriam processados psiquicamente. O “imprinting” é um termo biológico que diz respeito a um padrão de comportamento inato. Como podemos perceber, trata-se de uma conceitualização problemática, se lembrarmos que Stoller minimiza o efeito dos fatores biológicos para a compreensão do humano. O próprio Stoller assinala que o mecanismo de “imprinting” não é claramente observável no que se refere a seres humanos.

“Os estímulos ambientais, que no início da vida, não possuem efeito mental no bebê, “condicionam”, “imprimem” ou “fixam” – nós ainda não entendemos estes processos, de modo que não temos uma linguagem específica para eles - , de modo permanente certas formas de comportamento.” (Stoller, 1993: 32)

Devemos assinalar que essa citação é retirada da última produção teórica de Stoller sobre o tema da identidade de gênero, o que faz com que possamos compreender a interferência dos fenômenos bio-psíquicos na formação do núcleo de gênero como uma formulação questionável. Entretanto, Stoller em certos momentos assinala a profeminilidade como uma feminilidade vazia, resultante do “imprinting”. Por esse viés, a feminilidade primária seria um reflexo do período de fusão indiferenciada com a mãe; neste caso não há menção ao modelo identificatório que a mãe

representa, pois para que tal modelo se estabeleça, é necessária uma mínima diferenciação interposta entre a mãe e a criança (cf. Stoller, 1993: 67). Person e Ovesey criticam o postulado da profeminilidade, baseados nessa última acepção do conceito.

“...sua hipótese (de Stoller) é significativamente falha com referência aos tanto aos dados de base quanto ao mecanismo de imprinting inferido. Stoller mesmo reconhece que o mais sério problemas em sua teoria geral, diz respeito aos dados básicos para o estabelecimento da fase profeminina.”¹⁹ (Person e Ovesey, 1983: 217)

Concordamos com as pontuações de Person e Ovesey. Quando a profeminilidade é compreendida como uma feminilidade vazia, baseada no processo de “imprinting”, esse postulado parece ficar confuso no texto de Stoller. Pensamos porém, que no contexto maior de sua teoria, podemos abordar a discussão sobre a feminilidade primária, utilizando a identificação como operação psíquica responsável por sua estruturação, o que direciona nossa atenção à fase pré-edípica da vivência infantil. É dessa forma que Bleichmar compreende a feminilidade primária. Para a autora, essa noção indica que:

“ O primeiro e principal modelo de identificação é a mãe. Para estabelecer o núcleo da identidade de gênero e buscar ativamente a identificação com os homens o menino deve desidentificar-se dela.” (Bleichmar, 1988: 48)

¹⁹ No original: “...his hypothesis is significantly flawed with reference to both its data base and the inferred mechanism of imprinting. Stoller himself acknowledges the most serious problem in his general theory, that of the data base for establishing a profeminine phase.”

Se, a exemplo de Bleichmar, compreendermos a profeminalidade a partir das identificações primárias, achamos que este postulado faz sentido em relação à tônica da teoria de Stoller, que trata as primeiras vivências infantis como os verdadeiros propulsores da construção da masculinidade e da feminilidade. Nesse caso, apontamos que Stoller se contrapõe a Freud mais uma vez, afirmando que o desenvolvimento da feminilidade é, ao contrário do que é proposto na psicanálise freudiana, menos problemático em relação à construção da masculinidade. A menina teria seu caminho facilitado, pois sua primeira ligação amorosa se dá com alguém do mesmo sexo, que lhe serve de modelo para a construção de sua identidade de gênero. Já o menino que, como toda criança, faria uma identificação primária e especular com a mãe, precisaria desidentificar-se dela, para então dar o primeiro passo rumo à masculinidade, estabelecendo o caráter masculino como núcleo de sua identidade de gênero. A presença da figura paterna, ou de um modelo masculino para identificação, faz-se imprescindível nesse processo.

Vale lembrar que a estruturação nuclear, que fixa o caráter do gênero, não é formada por identificações secundárias, advindas do complexo de Édipo. Na concepção de Stoller, a apresentação de um modelo identificatório do mesmo sexo, que seja valorizado aos olhos da criança, é mais importante para o processo de diferenciação sexual (ou de gênero), do que as influências do desejo incestuoso, e da situação de conflito a ele correspondente. Esse enfoque

stolleriano, calcado na possibilidade de compreender o gênero como um caráter à parte da organização sexual, está claramente apoiado nas concepções advindas da psicologia do ego americana, que permeiam a formação de Stoller como psicanalista. Subjacente a tal possibilidade está a suposição de que há uma *área livre de conflitos* no que concerne à construção da masculinidade ou da feminilidade. A esse respeito Stoller cita o trabalho de Hartmann, um dos principais representantes da psicologia do ego, que criou a noção de *área livre de conflitos*, fazendo parte do desenvolvimento egóico. Stoller segue este caminho, e através do conceito de identidade de gênero nuclear, afirma que há aspectos que participam do processo de constituição da diferença de gêneros, não diretamente advindos das situações de conflito; ao contrário, a constituição do núcleo da identidade de gênero resultaria da identificação com atributos valorizados da figura masculina ou feminina que lhe serve como modelo, o que significa uma situação gratificante para a criança.

Bleichmar concorda com esse pensamento de Stoller, assinalando que há, na obra freudiana, um lugar a partir do qual se pode pensar a organização do gênero independente do conflito edípico. A autora faz menção ao capítulo VII de *A Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), onde Freud situa a presença de um modelo identificatório na pré-história do complexo de Édipo. Vejamos as palavras de Freud:

“A criança manifesta um interesse especial por seu pai, quer ser como ele e substituí-lo em tudo. Podemos, pois, dizer que faz de seu pai um ideal. Essa conduta não representa, em absoluto, uma atitude

passiva ou feminina com respeito ao pai (ou aos homens em geral), senão que é estritamente masculina e se concilia muito bem com o complexo de Édipo, cuja preparação contribui. Simultaneamente a essa identificação com o pai, ou pouco mais tarde, a criança começa a desenvolver uma verdadeira catexia de objeto para com a mãe, de acordo com o tipo de escolha anaclítica. **Mostra duas ordens de ligações psicologicamente diferentes: uma francamente sexual, para com a mãe, e uma identificação com o pai, a quem considera como modelo a imitar. Estas duas ligações coexistem durante algum tempo sem influir-se, nem opor-se entre si.** (Freud, 1989 [1921]: . Grifos nossos.)

Bleichmar assinala que a concepção stolleriana apoia-se nessa brecha deixada por Freud. Da citação acima, segundo a autora, se deduz claramente que Freud indicava a existência de um identidade de gênero prévia à história edípica, constituída a partir de situações gratificantes. Esse processo primário de identificação, segundo a autora, foi desconsiderado pela maior parte da produção psicanalítica posterior a Freud, devido à compreensão limitada que se fez dessa operação. O processo descrito por Freud, na opinião de Bleichmar, revela a delimitação de um espaço fora das questões concernentes ao conflito edípico, onde se afirma um ideal para a constituição do gênero, sustentado por forças narcísicas e não sexuais. A criança quer ser amada pelos pais, e por isso, se identifica com o ideal que a figura deles mesmos significa para ela. Esse processo de “imitação” dos pais, que representam objetos poderosos e valorizados, é gratificante para a criança, não tendo ligação necessária com os embaraços concernentes à vivência

edípiana. É importante, entretanto, deixar claro que essa teoria não pretende afirmar que a vida infantil, antes que se estabeleça o complexo de Édipo, reflete uma vida psíquica sem sofrimentos ou frustração, mas sim “sublinhar que a posição e o caráter de ideal do gênero que os pais possuem para a criança não é consequência de um conflito”(Bleichmar, 1988: 46).

Dessa forma, recapitulando a proposta de Stoller, assinalamos que ele constrói uma teoria onde a diferença entre os sexos é compreendida como uma diferença entre duas identidades de gênero, uma feminina e outra masculina, identidade essa que tem seu núcleo formado muito primitivamente, na pré-história do complexo de Édipo. Trata-se de uma teoria que dispensa um significativo interesse às influências culturais para a construção da identidade de gênero, o que é viabilizado pela identificação da criança com o modelo de masculinidade ou de feminilidade representado pelos pais. Entretanto, a teoria de Stoller praticamente se descarta das influências do conflito edípico para a afirmação da diferença entre os sexos, minimizando as vicissitudes pulsionais aí envolvidas. Isso, a nosso ver, é alvo de críticas, pois a dimensão pulsional afirma-se como o aspecto crucial de toda a teorização freudiana acerca da sexualidade.

Queremos, porém, para finalizar esse capítulo, apenas ressaltar a importância da contribuição de Stoller ao tema da diferença sexual, uma vez que ele toma para si a questão recorrente na psicanálise, que concerne ao papel da anatomia (como sexo preestabelecido) no assentimento psíquico da própria sexualidade,

questão essa central na presente dissertação. Dedicando cerca de quarenta anos de pesquisa ao tema, Stoller acrescenta à teoria psicanalítica, preocupado em abrir uma via, dentro da psicanálise, onde a construção da feminilidade e da masculinidade não se encontre sob a égide da determinação natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir uma pesquisa acerca da diferença sexual em psicanálise é uma tarefa que excede nossas possibilidades teóricas. Estudar esse tema implica adentrar no terreno obscuro da sexualidade humana, marcada por apresentar uma multiplicidade de conformações . Dessa forma, tentaremos deduzir de nosso percurso algumas considerações que achamos relevante apontar. Entretanto, boa parte de nossas indagações, que já se faziam presentes no início dessa investigação, permanecem sob a forma de questão, servindo de incentivo a trabalhos futuros.

Vimos que o texto freudiano gera dificuldades para uma compreensão precisa daquilo que determina a diferença sexual, bem como do nível em que tal diferença deve ser abordada. A diferença por vezes é concebida como uma oposição entre masculino e feminino, e em outros momentos designa uma distinção entre o homem e a mulher. Percebemos que essa falta de precisão apoia-se principalmente no caráter inconclusivo do pensamento de Freud

quanto à utilização de pressupostos naturalistas e construtivistas.

O viés naturalista para a abordagem do assunto supõe a existência de tendências naturais impelindo o homem e a mulher a traçar caminhos diferenciados. Os pressupostos naturalistas devem ser reconhecidos na teoria de Freud, caso contrário estaríamos desprezando um aspecto que reflete preocupações do autor. Entretanto, podemos considerar a vertente construtivista de seu pensamento, oposta às concepções naturalistas, como aquilo que merece ser privilegiado.

Sob o ângulo da construção, não há base para que se estabeleça uma diferença entre o homem e a mulher, pois todos os sujeitos podem apresentar, predominantemente, características masculinas ou femininas. A teoria do complexo de Édipo que, articulada ao complexo de castração, constitui-se um dos pilares da psicanálise freudiana, nos leva nessa direção. Freud postula que o contato com a castração proporciona, para homens e mulheres, mais de uma possibilidade para a sexuação. Qualquer uma delas é igualmente viável ao humano, e vai se consolidar a partir do processo identificatório, que se apresenta de forma singular.

Compreender a diferença sexual pela via da construção significa focalizar o caráter indeterminado da sexualidade humana, deixando apenas espaço para as determinações da fantasia inconsciente, o que, a nosso ver, representa mais significativamente a novidade trazida pela invenção freudiana. Se optamos, então, por uma concepção construtivista, a diferença sexual só pode ser compreendida como uma diferença entre o masculino e o feminino,

remetida a formas diferentes de satisfação pulsional, ou a qualidades psíquicas.

Em 1933²⁰, período avançado de sua investigação, Freud apresenta, como pudemos observar, grande insatisfação com sua teoria da diferença sexual, que se desenvolveu principalmente apoiada no par de opostos atividade \ passividade. Freud observa que atividade não deve ser atribuída a masculino, nem passividade ao feminino. A inquietação de Freud se deve ao fato de ele perceber que as duas finalidades pulsionais – ativa e passiva – estão presentes no homem e na mulher. Notamos, dessa forma, que é quando a psicanálise busca definir uma especificidade do homem e outra da mulher, que Freud sente seus esforços fracassarem.

Pensar a oposição entre atividade e passividade como um possível conteúdo para a diferença entre masculino e feminino, não traz problemas em si, se compreendermos que esses termos não se superpõem ao homem e à mulher respectivamente. Nesse caso, a teoria da bissexualidade impõe sua dominância, e as noções de masculino e feminino compreendem conteúdos convencionados, que não refletem uma natureza do homem ou da mulher. Se o processo identificatório que leva à masculinidade ou à feminilidade tem a peculiaridade de gerar a atividade ou a passividade como forma de satisfação privilegiada, isso não significa conceber aí a presença de tendências naturais. Porém, essa maneira de compreender a diferença sexual não representa a totalidade das formulações freudianas. O objetivo de apontar uma linha demarcatória entre o

²⁰ Nova Conferência Introdutória XXXIII, (*Feminilidade*)

que seria próprio do homem e o que seria próprio da mulher, impulsiona também os passos de Freud nesse terreno. Fica mantido, dessa forma o caráter paradoxal da proposta freudiana em torno da diferença sexual, apesar de olharmos para essa questão privilegiando as conjecturas construtivistas do texto freudiano.

Como consequência da oscilação freudiana presente na teoria da diferença sexual, diversos estudiosos contemporâneos a Freud, ou pertencentes a uma época posterior, destinaram-se a pesquisar e oferecer repostas a essa recorrente questão. Isso constituiu nossa segunda preocupação nessa dissertação. Além de pretendermos abordar a diferença sexual a partir de Freud, o que nos levou também a resgatar, no primeiro capítulo, a especificidade que a sexualidade encerra na psicanálise, nos propomos, além disso, a buscar em outras articulações teóricas, provenientes do texto freudiano, novas propostas para as questões deixadas por Freud. Escolhemos abordar as contribuições de Stoller e Lacan, cujo recorte privilegiado para abordar o tema é pertinente ao nosso interesse nessa dissertação.

As teorias de Stoller e de Lacan enriqueceram imensamente a discussão sobre a diferença sexual na psicanálise, especialmente porque cada uma delas seguiu uma vertente diferente do desenvolvimento teórico freudiano, o que abriu o leque de possibilidades para a abordagem de nossa questão a partir do referencial psicanalítico. Apesar das diversidades de ordem teórica, esses dois autores apresentam em comum o interesse em questionar o papel da anatomia, aqui compreendido como representando o

ponto de vista naturalista, na construção da diferença sexual.

Stoller é impulsionado pela questão do transexualismo, mais especialmente pela naturalidade com que os transexuais, de um modo geral, afirmam pertencer ao sexo oposto à sua anatomia. Isso o leva a escolher, no texto freudiano, o caminho das identificações pré-edípicas, que estariam, segundo seu ponto de vista, constituindo uma área livre de conflitos. Para o autor, a teoria psicanalítica clássica é insuficiente para dar conta dessa naturalidade, já que faz da situação edípica, geradora de conflito, o núcleo do desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade. Stoller produz, a partir daí, com originalidade, um deslocamento significativo com relação ao texto freudiano, construindo instrumentos conceituais que permitem tratar de maneira separada a sexualidade e o gênero.

A identidade de gênero, noção inventada por Stoller, tem seu núcleo formado muito primitivamente, em fase anterior ao complexo de Édipo. O desdobramento teórico conduzido por Stoller permite considerar as questões edípicas, que concernem à escolha do objeto sexual (hetero ou homossexual), independentes da formação do gênero, que é principalmente constituído a partir de situações gratificantes, e não carregadas de conflito. A diferença sexual, entendida como uma distinção entre duas identidades de gênero – masculinidade e feminilidade – é constituída basicamente pelas identificações com o modelo que os pais representam para as crianças.

Percebemos que Stoller nos dá uma saída radical para a idéia de destino no que concerne à diferença sexual, privilegiando

inequivocamente o viés construtivista da psicanálise. O autor demonstra, inclusive, uma preocupação particular com o papel da ordem social na construção dos sujeitos. Assinala com suas próprias palavras, que masculinidade e feminilidade significam, simplesmente, as representações sociais vigentes em cada época para designá-la. Porém, duas questões se levantam a partir de sua teorização. A primeira delas remete-se ao próprio campo teórico stolleriano. Apesar de Stoller questionar abertamente a utilização de pressupostos naturalistas para abordar a diferença sexual na psicanálise, ele lança mão da noção de “imprinting”, da biologia, para explicar a feminilidade primária, noção esta apoiada claramente na biologia, logo, em conjecturas naturalistas. Vimos, principalmente a partir dos comentários de Bleichmar, que o postulado da feminilidade primária pode ser compreendido pelo viés das identificações pré-edípicas como operação psíquica, e acreditamos ser essa a viabilidade mais compatível com o conjunto da proposta de Stoller. Mesmo assim, deixamos marcado que o autor, embora problematize a relevância do mecanismo de “imprinting” para seus objetivos, não chega a excluí-lo da lista dos determinantes para a formação do núcleo da identidade de gênero; isso indica, a nosso ver, um aspecto contraditório do texto stolleriano.

Uma outra questão gerada pelas articulações teóricas de Stoller, surge em relação à proposta freudiana. Ao lançar mão das identificações primárias para estruturar sua teoria, Stoller segue uma indicação freudiana, presente no capítulo VII de *A Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921). Freud assinala que as

identificações da criança com o ideal representado pelos pais participam do processo de construção da masculinidade ou da feminilidade. Entretanto, a teoria de Stoller desconsidera uma dimensão fundamental do pensamento freudiano, especialmente no que concerne à diferença entre os sexos: a ordem da satisfação pulsional. Vimos que é o referencial prazer/desprazer que organiza a sexualidade, sendo o objetivo maior do psiquismo a obtenção de prazer, a partir dos objetos escolhidos contingencialmente. Esse trajeto encontra seu ápice, na infância, com o enamoramento edípico, e as vicissitudes advindas do Édipo são os fatores fundamentais, a partir das quais a masculinidade ou a feminilidade vai se consolidar.

Freud assinalou também o caráter ambivalente, e por isso conflituoso, de qualquer laço afetivo, sendo a ambivalência ainda mais acirrada quanto mais primitiva for essa relação. Dessa forma, tratar as questões da sexualidade, referentes à manifestação erótica, de forma destacada das questões da formação do gênero, nos parece problemático com relação a aspectos centrais da proposta freudiana. Se a teoria de Stoller, por um lado, deve ser acatada como uma tentativa de escapar do naturalismo como determinante da diferença sexual, por outro lado, devemos assinalar que essa resolução se contrapõe à concepção do complexo de Édipo como núcleo da construção psico-sexual, afirmação essa central em todo desenvolvimento da teoria psicanalítica freudiana, e que representa justamente uma alternativa ao naturalismo.

Ao nos voltarmos para o ensino laciano, percebemos

que Lacan problematiza os pressupostos naturalistas de Freud através de outros instrumentais, diferentes dos de Stoller. Assim como Stoller, Lacan questiona o papel da anatomia na sexuação, contrapondo-se à possibilidade de considerar a diferença anatômica como um destino. A proposta de Lacan para minimizar essa vertente do pensamento freudiano segue, porém, um caminho bem diferente. A partir do tratamento estruturalista, o complexo de Édipo, que no texto de Freud está estreitamente relacionado à descoberta da diferença anatômica, tem seu conteúdo abrangido. Na proposta freudiana é a diferença anatômica que traz ao sujeito a questão da castração, a partir da qual meninos e meninas vão dar o passo principal rumo à masculinidade ou à feminilidade.

Tentamos deixar claro que o viés naturalista de Freud não está necessariamente relacionado à importância dispensada pelo autor à diferença anatômica, e sim à suposição freudiana de que haveria uma tendência natural distinguindo homens e mulheres, cujo critério principal é a oposição ativo \ passivo. Quando as crianças se deparam com a castração representada pelo sexo feminino, abre-se a elas a possibilidade de não responder a tal experiência de acordo com o que sua anatomia poderia designar. O complexo de Édipo é, então, uma formulação que permite situar a diferença sexual como uma construção psíquica. Porém, o fato de a diferença anatômica ser considerada a base do processo de diferenciação sexual deixou margem a concepções naturalistas, especialmente pela preocupação de Freud em estabelecer um “normal” para o desenrolar da sexualidade, em conformidade com o sexo anatômico.

Lacan, pelo viés estruturalista, propõe que os conceitos de falo e castração sejam destacados dos órgãos sexuais masculino e feminino, exaltando o caráter simbólico desses operadores teóricos. O falo é entendido como o significante do desejo, indicando um lugar vazio, que ganha conteúdo contingencialmente; e a castração passa a ser uma condição de estrutura, que propicia o nascimento do sujeito. Fica mais claro, a partir desse desdobramento lacaniano, que o próprio corpo é uma construção psíquica, já que a diferença anatômica vai ser, então, um suporte imaginário para a oposição entre falo e castração, não mais se confundindo com os órgãos genitais do homem e da mulher.

Dessa forma, ao contrário de minimizar o papel do complexo de Édipo na construção humana, como o faz Stoller, Lacan privilegia a concepção do Édipo. O desejo incestuoso é compreendido pelo autor como a intenção de obter um gozo pleno, inteiro, que é justamente o que se exclui do campo do falante. Lacan “edipianiza” toda a estrutura das “relações” humanas, onde o desejo é sempre relançado, em busca de novos substitutos para o objeto perdido. Assim, a teoria lacaniana compreende o Édipo como um figuração do movimento que caracteriza o humano, movimento esse inevitavelmente carregado de conflitos.

Vemos que a dimensão pulsional, essencial na proposta freudiana, é mantida como tônica do desenvolvimento teórico de Lacan em torno da diferença sexual. As posições sexuadas são diferenciadas tendo o gozo como referencial. Masculino e feminino são fundamentalmente, na teoria de Lacan, duas formas diferentes de

atingir a satisfação pulsional, que se consolidam em cada sujeito através da particularidade de sua história. Enfatizamos que o ensino lacaniano nos trouxe instrumentais teóricos que ajudam a situar a diferença sexual claramente como uma construção. É verdade que encontramos, na obra de Lacan, enunciados que parecem indicar um destino demarcado para homens e mulheres, o que se apresenta principalmente nas articulações do autor entre a mulher e a posição *não-toda* fálica. Entretanto, esse não é, a nosso ver, o direcionamento a ser privilegiado na proposta de Lacan. Ao contrário, achamos que sua concepção trás para o primeiro plano a teoria da bissexualidade freudiana, acatando a impossibilidade de estabelecer, a partir da psicanálise, uma prévia designação quanto ao que seria próprio do homem ou da mulher.

Em decorrência da importância que o autor dispensa à ausência de objeto determinado para a pulsão, sua teoria sobre a diferença sexual afirma como pressuposto básico a ausência de um significante que designe, para o sujeito, o seu parceiro. É o que Lacan quer dizer ao assinalar que não há, para o falante, a inscrição da diferença sexual. Em virtude disso, todo o posicionamento humano na esfera sexual será efeito de uma construção que se ergue em resposta à falta originária, o que é possibilitado pelo funcionamento simbólico de substituição.

Assinalamos, enfim, que os dois autores pós-freudianos a que recorremos na segunda parte de nosso trabalho, questionam o naturalismo presente no texto freudiano, e dão alternativas para os impasses gerados pelo texto de Freud. Notamos que Stoller tem

preocupações mais abrangentes que as de Lacan, à medida em que se propõe não apenas a escapar do naturalismo, mas a pensar a importância das configurações sociais na construção da diferença sexual. A partir daí entendemos o fato de o autor utilizar categorias conceituais advindas da sociologia, como gênero e identidade, para explicar a construção da feminilidade e da masculinidade. Já a teoria de Lacan, não se mostrou um solo especialmente propício para articulações entre a constituição do sujeito e a ordem social, o que não significa dizer que não haja caminhos que possibilitem pensar essa junção. Esse não foi, entretanto, um objetivo nosso com essa dissertação. Marcamos essa diferença entre as propostas de Stoller e Lacan, pois achamos interessante assinalar que as duas teorias mostram-se úteis a determinados tipos de desdobramento a partir da psicanálise, e insuficientes para outros. Em relação ao tema da diferença sexual, podemos dizer que Stoller viabiliza o diálogo da psicanálise com outros campos de saber sobre o humano, como a sociologia ou a antropologia. Isso não é uma característica central da obra lacaniana. Por outro lado, Lacan realizou reformulações no texto freudiano que enfatizam o caráter indeterminado da sexualidade humana, situando-a claramente sob o domínio da construção, sem com isso perder de vista a dimensão pulsional, que é sustentáculo da concepção inaugurada por Freud acerca do sexual.

Reconhecemos que nossas reflexões não esgotam a discussão sobre a diferença sexual na teoria psicanalítica, e nem pretendiam fazê-lo. Terminamos resgatando Freud que, em 1933, na conferência sobre a *Feminilidade*, impõe à sexualidade feminina o

caráter de enigma. A feminilidade se mostrava um terreno obscuro para Freud, especialmente por apresentar-se como um vir-a-ser, refletindo claramente a ausência de determinação para a sexualidade humana. Nesse sentido, estendemos esse caráter enigmático à própria noção que o sexual, em geral, vai encerrar a partir da escuta psicanalítica. O que Freud formula de fundamentalmente novo, a partir de sua experiência com as primeiras histéricas, é que não há caminhos pré-traçados para a satisfação sexual. No âmbito da sexualidade humana, dessa forma, toda manifestação aparente, esteja ou não ligada à diferença sexual, é fruto de uma construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, S. (1986) O Que Quer Uma Mulher? Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.
- BALINT, M. (1947) On Genital Love. Primary Love and Psychoanalytic Technique. Tavistock publications, 1959
- BERTIN, C. (1989) A Mulher em Viena nos Tempos de Freud. Campinas, Papirus, 1990.
- BLEICHMAR, E.D (s/d) O Feminismo Espontâneo da Histeria. Porto Alegre, Artes médicas, 1988
- BLEICHMAR, H. (s/d) Introdução ao Estudo das Perversões. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- BOONS, M.C.(s/d) Mulheres/Homens. Rio de Janeiro, Relumé Dumará, 1992.
- CHASSEGHET-SMIRGEL, J. (s/d) Sexualidade Feminina. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988
- CONTÉ, C. (1992) O Real e o Sexual de Freud a Lacan. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1995.
- ELIA, L. (1995) Corpo e Sexualidade em Freud e Lacan. Rio de Janeiro, UAPÊ
- FREUD, S. (1893) Estudos sobre a histeria. ESB Vol. II. Rio de Janeiro, Imago, 1989

- ____ (1896) A etiologia da histeria. ESB Vol. III. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. ESB Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- ____ (1906) Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. ESB Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. ESB Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- ____ (1913) Totem e tabu. ESB Vol. XIII. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1914) A história do movimento psicanalítico. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1915) A Pulsão e suas vicissitudes. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1916-1917) Conferência introdutória XX (A vida sexual dos seres humanos). ESB Vol. XVI. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1920) Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. ESB Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. ESB Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- ____ (1923) O ego e o id. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1989

- (1923) A organização genital infantil. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- (1924) A dissolução do complexo de Édipo. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- (1925) Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- (1931) Sexualidade feminina. ESB Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- (1933) Nova Conferência introdutória XXXII (Angústia e Vida Pulsional). ESB Vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- (1933) Nova Conferência Introdutória XXXIII (Feminilidade) ESB Vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1989
- FISCHMAN, M. L. *et* HARTMANN, A. (s/d) Amor, Sexo y...Formulas. Buenos Aires, Manantial, 1995
- FORRESTER, J. (1990) Seduções da Psicanálise. Campinas, Papirus, 1990
- FORTES, I. O que ela tem que eu não tenho? Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 1993
- GARCIA-ROZA, (1986) L.A. Acaso e Repetição em Psicanálise. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1993
- GAY, P. (1988) Freud Uma Vida Para o Nosso Tempo. São Paulo, Cia. das Letras, 1995
- JULIEN, P. (1994) O Estranho Gozo do Próximo. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1996
- KEHL, M. R. (1993) A Mínima Diferença. Rio de Janeiro, Imago,

1996

- LACAN, J. (1966) A significação do falo. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1992
- _____ (1956-1957) O Seminário. Livro 4 A Relação de Objeto . Rio de Janeiro, J.Z.E., 1995
- _____ (1962) O Seminário. Livro 11 Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1988
- _____ (1972-1973) O Seminário. Livro 20 Mais, Ainda . Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993
- LAPLANCHE, J. (1970) La Sexualidad . Buenos Aires, Nueva Visión, 1984
- LAPLANCHE, J. *et* PONTALIS, J.B. (1967) Vocabulário da Psicanálise. São Paulo, Martins Fontes, 1988
- _____ (1985) Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1988
- LISPECTOR, C. (1979) A Paixão Segundo G.H. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995
- MAGNO, MD. (1979) O Pato Lógico. Rio de Janeiro, outra, 1986
- MASSON, M. (s/d) Freud e Fliess Correspondência Completa. Rio de Janeiro, Imago, 1986
- MELMAN, C. (s/d) Estrutura Lacaniana das Psicoses. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991
- MILLER, G. (1987) O ato falho por excelência é o ato sexual. Miller, g. (org.) Lacan. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1993
- MILLOT, C. (1988) Nobodaddy a Histeria do Século. Rio de Janeiro, 1989

- _____ (1983) Extrasexo. São Paulo, Escuta, 1992
- MITCHEL, J. (1966) Psicanálise da Sexualidade Feminina. Rio de Janeiro, Campus, 1988
- MOREL, G. Anatomia analítica. Forbes, J. (org.) Psicanálise: Problemas ao Feminino. Campinas, Papirus, 1996
- NASIO, J. D. (1988) Os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989
- NASSIM, S. (s\d) A Diferença Sexual. Rio de Janeiro, outra, 1988
- NERI, R. Da coisa genital à coisa sexual. Birman, J. et Nicéas, C.A. (org.) A Ordem do Sexual. Rio de Janeiro, Campus, 1988
- NUNES, S.A. O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Caldeirinha. Tese de doutorado, IMS-UERJ, 1996
- PERSON, E. et OVESEY, L. Psychoanalytic theories of gender identity. Journal of the American Academy of Psychoanalysis, Vol. 11, 1983
- POMMIER, G. (1986) A Exceção Feminina. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1987.
- _____ (1987) O Desenlace de uma Análise. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1990
- _____ (1989) A Ordem Sexual Rio de Janeiro, J.Z.E., 1992.
- QUINET, A. As formas do amor na partilha dos sexos. EBP-Seção Rio. A Mulher. Rio de Janeiro, Kalimeros, 1995
- RABINOVICH, D. (s\d) Lectura de La Significación del Falo. Buenos Aires, Manantial, 1995
- SAFOUAN, M. (1976) A Sexualidade Feminina. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1977

- SOLER, C. (1993) Variáveis do Fim de Análise. Campinas, Papyrus, 1995
- _____ (1993) Existe el narcisismo femenino? Posición masoquista, posición femenina. Sexualidad Femenina . Buenos Aires, Publicação da E.O.L., 1994
- STOLLER, R. Sex and Gender. Edited by John D. Sutherland – C.B.E. , 1968
- _____ (primary femininity. Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 24, n. 5, 1976
- _____ (s\d) Masculinidade e Feminilidade – Apresentações do Gênero. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993
- TRILLAT, E. (1986) História da Histeria. São Paulo, Escuta, 1991
- VALAS, P. (1990) Freud e a Perversão. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1994
- WINE, N. Pulsão e Inconsciente: a Sublimação e o Advento do Sujeito. Rio de Janeiro, J.Z.E., 1992

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Maria Thereza Toledo intitulada "A diferença sexual na psicanálise: entre o destino e a construção", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Prof. Claudia Amorim Garcia (Orientadora)
PUC-Rio

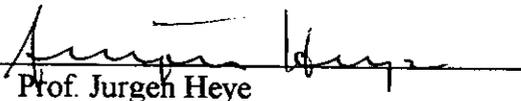


Prof. Octavio Almeida de Souza
PUC-Rio



Prof. Ana Beatriz Freire
UFRJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro,/...../1997.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas